



Grande área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: Narrador e ponto de vista narrativo em *Changó, el gran putas*, de Manuel Zapata Olivella

Autores: Esther Falcão de Jesus; Jaqueline Silva dos Santos; Gladys Viviana Gelado (Or.)

Departamento/Unidade/Laboratório: GLE / EGL / Laboratório de Estudos Hispânicos

INTRODUÇÃO:

O livro *Changó, el gran putas*, do escritor, antropólogo e médico colombiano Manuel Zapata Olivella (1920-2004), assume como desafio o relato da “condição diaspórica” (Tittler, 2007) do negro nas Américas. Assim, reelabora ficcionalmente uma série de fatos históricos relevantes para a conformação do afrolatinoamericano desde a perspectiva do negro, contrapondo-se ao que por muito tempo se afirmou a respeito da ausência de história dos povos africanos, devida à vinculação indissociável (do ponto de vista ocidental, forjador dos relatos monumentais) entre registro básica ou majoritariamente oral e “ausência de civilização”, no que tange ao passado africano, por um lado, quanto à origem supostamente mítica de acontecimentos históricos como a Revolução haitiana, no que tange às agências da diáspora africana nas Américas, pelo outro.

Condizente com essa funcionalidade de reflexão crítica do relato ficcional, o narrador de *Changó, el gran putas* é o Muntu, a manifestação mais pertinente da consciência desses conceitos, já que por si só é constituído por diversos seres que têm como fator unificador a vida, mas que podem materializar-se de formas variadas, adicionando ao livro diversas vozes que reafirmam as matrizes histórico-culturais africanas da “malungagem” (Branche, 2008) e da “cimarronagem” (Miranda-Robles, 2011), características da agência afrolatinoamericana. Assim, mesmo que o Muntu esteja condenado nas tábuas de Ifá

a errar no deserto americano da escravidão, Changó lança também sobre o Muntu a maldição de que carregue com a responsabilidade da própria libertação, bem como da libertação da humanidade. E é nesse equilíbrio entre determinismo, livre arbítrio e messianismo que se articulam, em boa medida, as tensões entre as motivações e as ações no “romance”. (Tittler, 2007)

Além disso, em uma macroestrutura romanesca aparentemente linear, a utilização agramatical dos tempos verbais, a pluralidade de vozes narrativas, o ponto de vista múltiplo e o registro linguístico diglósico conspiram contra a estabilidade e racionalidade da (mais alta) forma narrativa moderna, questionando os modelos europeus baseados na escrita como condição de possibilidade de produção de um relato legível e autônomo.

Na linha do pensamento pós-colonial, herdeiro da negritude, este projeto pretendeu dar conta da análise da interação das categorias de “narrador” e “ponto de vista” como articuladoras principais da funcionalidade crítica de *Changó, el gran putas*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Percy Lubbock diz que “o ponto de vista, isto é, a relação do narrador com a história que conta, domina todo o problema do método no romance.” (In: van Roussum-Guyon, 1976, p. 27). Assim podemos compreender o projeto estético de Manuel Zapata Olivella em optar por representar

diversas vozes e, conseqüentemente, diferentes pontos de vista, para construir uma narrativa que pudesse comunicar aos leitores a variedade das experiências vividas, desde suas origens, pelos povos africanos escravizados no continente americano.

Changó, el gran putas é marcado por um trabalho de refuncionalização das categorias narrativas, como a categoria do narrador e o ponto de vista narrativo, e até mesmo a de romance propriamente dito, considerando a presença de diferentes gêneros em sua conformação, fato este que o torna significativamente distinto dos demais romances latino-americanos contemporâneos. Nesse sentido, é a partir da epopéia, que ocupa formalmente toda a primeira parte do livro, cantada pelo narrador principal e sacerdote do culto vudú, Ngafúa, que se pode perceber todo um trabalho pautado pela atenção à diversidade para além do tema: a de propor uma nova forma de perceber o homem negro e suas origens. Tal narrador nos dá a dimensão de um mundo espiritual distinto e muitas vezes conflitante com o ocidental. Já o Muntu -enquanto uma existência constituída por diversos seres que têm como fator unificador a vida, mas que pode materializar-se de formas variadas- representa um narrador coletivo, por meio do qual diferentes vozes contarão as várias experiências de lutas vivenciadas pelos africanos desde sua partida forçada para o continente americano.

Tanto o narrador principal da primeira parte do livro, Ngafúa, quanto o Muntu, narrador principal a partir da segunda parte, não podem ser entendidos apenas como uma voz que apresenta diferentes experiências, mas sim como narradores que se submetem aos seus personagens para que eles mesmos contem suas experiências. Ou, como declara Ngafúa, que somem suas histórias às vozes dos narradores principais.

Dessa forma temos uma idéia de como Manuel Zapata vai operar uma desconstrução das categorias de narrador, utilizando a seu favor as diversas

possibilidades do ato de narrar, principalmente no que se refere às funções associadas ao narrador onisciente e ao narrador-personagem, as quais são, simultaneamente, implodidas, refuncionalizadas, combinadas, questionando os protocolos do cânone europeu moderno.

Ainda apoiando-se nas categorias literárias estabelecidas, quanto à diversidade de gêneros literários encontrados em *Changó, el gran putas* e dando principal atenção à epopéia de abertura da obra, percebemos mais uma vez o trabalho de Manuel Zapata em reelaborar ou reutilizar as categorias a fim de engrandecer as culturas africanas desde o ponto de vista do negro. Assim, Zapata subverte as narrativas canônicas substituindo o ponto de vista tradicional, sobre o negro, que distancia o personagem principal de sua própria história, resultando, muitas vezes, em uma desconstrução da cultura africana. Através da elaboração desta epopéia, Zapata enaltece a cultura africana ressaltando a existência de uma cultura digna de ser cantada em um poema épico, tal como as culturas ocidentais.

Tais experimentos literários -tanto a utilização de diferentes gêneros literários, como as mudanças de vozes narrativas que se alternam entre 1ª e 3ª pessoa do singular e/ou plural- representam apenas parte do artifício elaborado por Zapata Olivella a fim de oferecer aos leitores mais do que outra interpretação acerca da história do sujeito afro no continente americano. Com efeito, eles instituem também a oportunidade de melhor conhecermos a nós mesmos e nosso presente, a partir de uma viagem através da formação cultural, social, política, religiosa etc. do homem.

Sabendo que o homem é formado também pela língua que utiliza (Manuel Rui, 1987), bem como movido pela necessidade de materializar a construção do afroamericano através da linguagem, Zapata permeia a obra em questão de neologismos (“luzsombra” (p. 92), “malpensaban” (p. 159), “díasnoches” (p. 227)) característicos do processo de construção linguística de

um novo sujeito, como também de uma reprodução da oralidade que funda inicialmente a cultura africana.

Já ao lidar com a concepção africana de tempo, Zapata nos apresenta certa circularidade temporal formadora da cultura, desconsiderando a existência distintiva dos tempos passado/presente/futuro (Zoggyie, 2000), tanto por meio do canto de Ngafúa, quanto ao utilizar, no decorrer da obra, diferentes tempos verbais não correlacionáveis (de acordo com a norma gramatical) em uma única sentença, e assim subverter a linearidade temporal.

Ponderando acerca da pluralidade cultural que compõe a obra, repleta de referências históricas, sociais, religiosas e culturais dos continentes americano, africano e europeu, ainda estamos desenvolvendo maiores pesquisas, principalmente sobre as implicações que esse manejo peculiar dos tempos verbais produz no tratamento do ponto de vista narrativo e demais categorias literárias questionadas pelo projeto estético posto em prática nesta obra, a saber as categorias de “narrador” e “romance” estabelecidas pela tradição teórico-literária canônica ocidental.

CONCLUSÕES:

Considerando os objetivos apresentados, acreditamos ter avançado no que diz respeito à coleta de dados e análise dos modos pelos quais se expressam no romance o/s narrador/es e o/s ponto/s de vista narrativo/s, bem como seu funcionamento crítico intertextual em relação aos relatos historiográficos e de ficção precedentes com foco nas implicações que o manejo peculiar dos tempos verbais produz no tratamento das categorias de romance questionadas nesta pesquisa; como também na análise dos modos pelos quais se expressam no romance as noções de “trietnicidade”, “ancestralidade” e “heterogeneidade cultural”, bem como suas funções como articuladoras do relato.

Porém, a especificidade das questões que nos propusemos a analisar em *Changó, el*

gran putas introduzem elementos de outra ordem, que ampliaram a complexidade da obra juntamente com a necessidade de pesquisa, para podermos identificar o teor e função dos meios expressivos. Acreditamos que é através desses elementos que o autor materializa sua crítica, subvertendo pelos usos agramaticais e de ruptura dos gêneros, fatores históricos, culturais e principalmente religiosos.

A pesquisa a respeito da relevância dos fatores citados contribuíra primeiramente para a melhor compreensão da obra e, posteriormente, para a análise dos aspectos conceituais ainda em andamento. Paralelamente, e considerando que as seiscentas e quarenta e cinco páginas que compõem a narrativa estão repletas de referências históricas, religiosas e culturais de diferentes povos dos continentes africano, americano e europeu, abrangendo um período de tempo de quatro séculos (XVI-XX), que intersectam suas perspectivas na conformação do narrador principal da obra -o Muntu- e sua polifonia, ainda há muito que analisar e redefinir em relação às categorias de análise em uso, tais como “romance”, “ponto de vista narrativo”, “trietnicidade” e “ancestralidade”, por exemplo, e a contribuição das mesmas para a reflexão crítica do relato ficcional em *Changó, el gran putas*.

Agradecimentos:

À UFF, pela bolsa concedida.

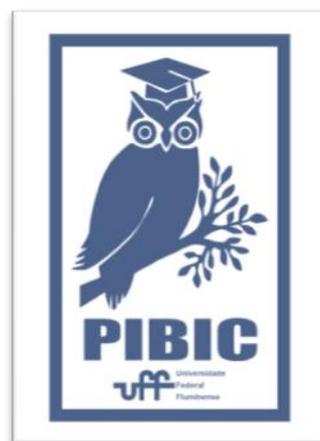


Figure 1: Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

A viagem como prática semiótica: análise comparada de literatura de viagens e sites de turismo

Luiza Riveiro Gonçalves, Lucia Teixeira

Departamento de Ciências da Linguagem/UFF/Sedi – Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso

INTRODUÇÃO:

De acordo com Fernando Cristóvão (2009), a literatura de viagens pode ser dividida em três etapas. Enquanto a primeira, a “Literatura de Viagens Tradicional” trata das narrativas de descobrimento e de exploração, as outras duas são fortemente influenciadas pelo desenvolvimento tecnológico.

Com o surgimento do turismo e a democratização do conceito de viagem, a literatura de viagens tornou-se mais coloquial, deixando de tratar de grandezas e focando no efêmero, no dia a dia. Denominada “Nova Literatura de Viagens”, essa etapa é caracterizada pela presença tanto de guias de viagem e de itinerário quanto de crônicas de viagem.

Por último, computadores, celulares e outros meios de comunicação, ao possibilitarem o uso de imagens e de vídeos, tornaram a linguagem da literatura de viagem ainda mais acelerada. A “Novíssima Literatura de Viagens” apresenta, assim, a predominância da oralidade e da espontaneidade, é uma “[...] manta de retalhos [...]” (CRISTÓVÃO, 2009, p. 18), na qual o enunciador e o enunciatário passam a trabalhar conjuntamente na construção de sentido.

Assim, considerando os conceitos de “Nova Literatura de Viagens” e “Novíssima Literatura de Viagens”, as mudanças de função, os diferentes suportes e gêneros, este trabalho buscou comparar crônicas de viagens e itinerários turísticos com a base teórica da semiótica discursiva. Para tal, foram analisados cinco crônicas de viagem sobre Buenos Aires publicadas no livro *Crônicas de Viagens*, de Cecília Meireles (2016), bem como quatro itinerários de turismo sobre a mesma cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A partir da análise realizada, percebeu-se que o itinerário de turismo e a crônica de viagem, apesar de compartilharem a mesma temática, apresentam características discursivas e narrativas distintas, visto que possuem funções e suportes diferentes.

Devido ao caráter on-line dos itinerários, o enunciador pode incluir fotos, mapas e links e conversar com os enunciatários. Por outro lado, as crônicas de viagens são ricas em descrições, as quais funcionam como uma fotografia: aproximam o enunciatário da cidade de Buenos Aires.

Em relação às características discursivas, percebe-se que tanto as crônicas quanto os itinerários utilizam, majoritariamente, o tempo presente, o que aproxima o enunciatário do texto e do enunciador. Considerando a categoria de actantes, os itinerários apresentam claramente o predomínio do eu/tu – o que também aproxima enunciatário de enunciador. Já as crônicas de Cecília Meireles constroem uma diferença entre os níveis do enunciado e da enunciação. No primeiro, a narrativa da viagem apresenta, em certos momentos, um aparente distanciamento, quando descreve lugares e percursos. No entanto, no nível da enunciação enunciada, tudo está submetido à visão subjetiva do eu que narra e descreve de acordo com um ponto de vista particular, manifestado nas construções em 1ª pessoa. Por último, em relação ao espaço, há uma predominância do “alhores” para se referir a Buenos Aires nos itinerários de turismo, mas é preciso considerar que esse espaço aparentemente enuncivo se constrói discursivamente em relação a um aqui enunciativo. Nas crônicas de viagens, é utilizado, o “aqui” para se referir à cidade, uma vez que se cria a ilusão discursiva de simultaneidade entre o momento da escrita e o do acontecimento, projetado também para o espaço.

Há, portanto, nos dois gêneros, uma tensão entre as categorias, com predomínio das projeções enunciativas em ambos. Nos itinerários, as categorias de tempo e de pessoa aproximam enunciário e enunciador, enquanto a categoria de espaço os separa do lugar de que se fala. Já nas crônicas de viagens, as categorias temporal e espacial aproximam enunciador e enunciário e a debreagem actancial ora os afasta ora os aproxima.

CONCLUSÕES:

Por serem, a literatura de viagem e o roteiro turístico, diferentes gêneros em diferentes suportes, a interação entre sujeitos ocorre de forma distinta: nas crônicas, o enunciário pode apenas ler o que é dito pelo narrador, sem poder interagir diretamente com ele. A proximidade entre enunciador e enunciário é apenas uma ilusão, realizada pela debreagem enunciativa. Já no caso dos sites de turismo, a possibilidade de comentar o texto publicado provoca uma interação direta entre os enunciários e o enunciador, permitindo inclusive o acréscimo de informações sobre o lugar da viagem.

Portanto, pensando nas quatro classes de viajantes apresentadas por Eric Landowski (2002), no livro *Presenças do outro*, é possível situar os enunciadores das crônicas e dos itinerários de viagens, respectivamente, nas categorias “viajante disponível” e “passageiro programado”. Nos itinerários o enunciador está em disjunção com o aqui-agora, pois esse passageiro programado “[...] não pode nem quer esconder (inclusive de si mesmo) sua origem externa ao país visitado” (LANDOWSKI, 2002, p. 84). Isto é, ele preocupa-se em visitar os pontos turísticos, seguir a programação, sem, porém, se inserir nesse mundo do outro. Em oposição, o viajante disponível está em conjunção com esse mundo, havendo uma “[...] coincidência do eu-sujeito e de seu espaço-tempo” (LANDOWSKI, 2002, p. 84).

Assim, o suporte e o gênero funcionam como coerções discursivas para a construção de sentido, tornando um texto mais objetivo ou menos. Ao considerarmos as narrativas de viagem, as transformações midiáticas da era digital modificaram os itinerários de viagem, tornando possível a relação com outros textos e a interação dos sujeitos durante a leitura. Além disso, os itinerários de turismo publicados na internet apresentam uma linguagem mais

acelerada e objetiva quando comparada às crônicas de viagem. Nestas a interação é mais subjetiva, considerando os efeitos íntimos de transformação dos sujeitos.

Agradecimentos:

Agradeço à professora Lucia Teixeira pela oportunidade, por ter acreditado em meu potencial para a iniciação à pesquisa e por sua orientação. Agradeço também ao Cnpq e ao PIBIC UFF pela bolsa concedida, oportunidade única para o desenvolvimento da minha formação acadêmica.

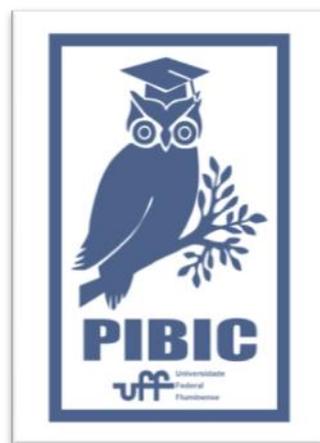


Figure 1: Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

Por uma análise dos discursos da/na mídia: o sujeito jovem como acontecimento jornalístico

Tiago de Assunção Lopez & Silmara Dela Silva

Departamento de Ciências da Linguagem/Instituto de Letras/Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS)

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa de iniciação científica teve como objetivo identificar e compreender os modos como se constitui a posição sujeito jovem na grande mídia, mais especificamente, como se dão os sentidos que se produzem ao se dizer sobre esses sujeitos, quando configurados em acontecimento jornalístico. A proposta se alinha aos objetivos do projeto de pesquisa docente “Do acontecimento jornalístico às práticas discursivas: o sujeito no discurso da e na mídia”, em andamento junto ao Departamento de Ciências da Linguagem (GCL/UFF), com apoio FAPERJ (Edital Jovem Cientista do Nosso Estado 2015/2017), bem como aos trabalhos desenvolvidos no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/GCL/UFF), cujos objetivos são depreender, discutir e analisar a subjetividade em materialidades diversas.

Para o desenvolvimento da pesquisa adotamos como *corpus* de análise um conjunto composto por três edições especiais da revista *Veja*, que tiveram como temática os jovens do Brasil e suas práticas. Frente às edições, nos deparamos com questionamentos importantes para a orientação da pesquisa: de *quais* jovens estamos falando? De *quais* jovens *não* estamos

falando? A rigor nos perguntamos como se dão os processos de significação (apagamentos, reafirmações e deslizamentos de sentidos) necessários para a constituição dos sujeitos presentes no discurso da *Veja*.

Com base na fundamentação teórica e nos princípios metodológicos propostos pela Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1997 [1975], 1997a [1969], 1990 [1982] e ORLANDI, 2006, 2001, 1996), buscamos analisar como essas edições da revista, em seus dizeres, (re)afirmam sentidos para o sujeito jovem, participando, assim, dos processos de produção de sentidos para o ser sujeito nos dias atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A presente pesquisa de iniciação científica, intitulada “*Por uma análise dos discursos da/na mídia: o sujeito jovem como acontecimento jornalístico*”, teve como referência teórica a Análise do Discurso de linha francesa, que se constitui a partir da proposta de Michael Pêcheux, reterritorializada no Brasil a partir dos trabalhos de Orlandi. Trata-se de uma perspectiva teórico-metodológica, uma vez que as noções que constituem o dispositivo teórico dessa disciplina também são mobilizados metodologicamente, permitindo a análise de

diferentes *corpora*, considerando suas particularidades. Por essa razão, trazemos nesta seção um breve relato do que foi desenvolvido enquanto escrita da teoria, posteriormente mobilizada para a análise do *corpus*.

A pesquisa iniciou-se com as leituras de fundamentação teórica, sugeridas pela orientadora. O estudante já havia realizado a disciplina obrigatória na grade de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, “Linguística XVII - Análise dos discursos midiáticos”, cuja ementa consiste nos princípios da Análise do Discurso, o que garantiu conhecimento prévio da metodologia da pesquisa apresentada.

Num primeiro momento, o estudante dedicou-se às leituras de fundamentação teórica necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, bem como em realizar fichamentos, relatos e discussões sobre as mesmas. Outras leituras foram realizadas pelo bolsista com o objetivo de contemplar pontos específicos sobre o discurso jornalístico analisado. De um modo geral, as leituras realizadas permitiram que o bolsista empreendesse uma escrita da fundamentação teórico-metodológica da pesquisa, apresentada parcialmente na seção dedicada à exposição da metodologia deste relatório.

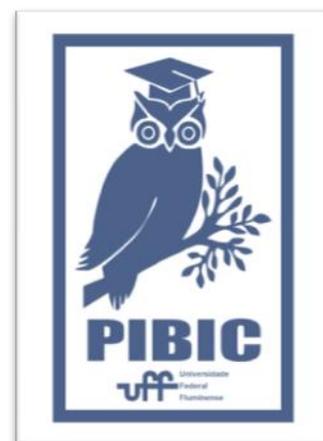
Simultaneamente às leituras, o aluno participou dos encontros com a orientadora do projeto e cursou o minicurso intitulado “O sujeito na Análise de Discurso e na Psicanálise”, ministrado pela professora Dra. Olímpia Maluf-Souza (UNEMAT), em setembro de 2017, na UFF, e teve a oportunidade de aproximar-se do

Grupo de Trabalho em Análise de Discurso, vinculado ao LAS.

Em uma segunda etapa da pesquisa, o bolsista dedicou-se à constituição de um dispositivo analítico e à realização das análises propriamente do *corpus*.

CONCLUSÃO:

A presente pesquisa demonstrou bons resultados em seus primeiros meses de desenvolvimento, tendo mobilizado o bolsista à escrita teórica e à participação em cursos na área.





Grande área do conhecimento: Linguística Letras e Artes

Título: A variedade (neo) autóctone da língua pomerana no Espírito Santo: questões de pluricentrismo linguístico

Bolsistas: Nathália Barbosa Jeronymo; Camila Meirelles

Instituto de Letras / Departamento de Letras Estrangeiras Modernas GLE / Setor de Língua e Literatura Alemã

INTRODUÇÃO:

O Espírito Santo é um estado de relevante diversidade linguística, onde são identificadas variedades de línguas europeias, africanas e indígenas. Para este estudo selecionamos como *locus* o município de Santa Maria de Jetibá (SMJ), reconhecido como o município “mais pomerano” do estado. Em SMJ a marca da presença germânica é fortemente reconhecida não somente na língua como também na arquitetura e na atuação religiosa. Os objetivos iniciais do estudo são: Identificar os traços de etnicidade e identidade linguística (neo) autóctone, a partir do uso funcional da variedade pomerana em Comunidades de Prática de Redes Sociais dos imigrantes pomeranos de SMJ. Como objetivos específicos propomos: a) identificar até que ponto alguns efeitos próprios do Contato Linguístico, tais como *code-mixing*; *code-switching* e *language shift* resultam em processos de assimilação e/ou aculturação linguística no uso linguístico funcional do pomerano no locus da pesquisa; b) discutir o conceito de autoctonia, etnicidade e identidade linguística no uso funcional do pomerano, como uma variedade (neo) autóctone. Para o

desenvolvimento do projeto usamos do referencial teórico da sociolinguística do contato, da qual também utilizamos o referencial metodológico para realizar a pesquisa de campo, que se caracteriza como um estudo qualitativo que teve observação de campo, entrevista e questionário como instrumentos de investigação. O questionário elaborado procurou identificar: a) informações sociodemográficas; b) conhecimentos linguísticos, c) aquisição e competência linguística em Pomerano, Língua Portuguesa e outras variedades; d) uso e domínio da (s) língua (s) por ambientes comunicativos: família, sociedade, escola, trabalho; e) uso da(s) línguas em retrospectiva nos mesmos ambientes; f) atitudes sobre a(s) língua (s); atuação na(s) Rede(s) e por fim, contou ainda com uma narrativa livre. Durante visita as duas comunidades identificadas como sendo as Redes Sociais da pesquisa, deixamos os questionários com os âncoras das duas famílias que compunham as comunidades de prática identificadas: Alto Santa Maria e Alto São Luis. Além de outras duas famílias que visitamos uma de uma senhora com 93 anos, considerada a vizinha do local e outra de duas famílias de produtores rurais, além de uma escola de campo,

onde as crianças passam uma semana na escola e a outra em casa para aplicar em casa / no campo os conhecimentos aprendidos na escola. Nas famílias e na escola também deixamos os questionários, que foram recolhidos pela diretora da escola, que é doutoranda do PPG em Educação da UFES e colaboradora do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Durante a pesquisa de campo, além de entrevistas espontâneas para identificação das Redes Sociais e Comunidades de Prática foram realizadas visitas a escolas e famílias das comunidades, onde foi possível observar paisagens linguísticas, que confirmam a presença da imigração no *locus*, bem como identificar alguns âncoras de Redes Sociais para os quais distribuimos os questionários que elaboramos como já descrito anteriormente. Recebemos no total 23 questionários, sendo sete de pessoas do gênero masculino e dezesseis do gênero feminino. Destes, dez declararam que cresceram no município de Santa Maria de Jetibá, sendo cinco do gênero masculino e doze do gênero feminino. Dos questionários do gênero feminino, três estão na faixa etária de 60 a 50 anos, cinco na faixa etária de 49 a 40 anos e oito na faixa etária de 39 a 27 anos. Dos 17 questionários do gênero feminino, duas declararam ser solteiras e quinze casadas. Quanto à profissão, sete são professoras ou regentes de classe, quatro lavradoras, uma vendedora, uma comerciante, uma auxiliar geral, uma funcionária pública, e uma agente

comunitária de saúde. Possuem curso superior ou profissional quatorze declarantes do gênero feminino. Dos questionários do sexo masculino, dois se encontram na faixa etária de 47 a 36 anos, três na faixa etária de 35 a 29 anos e um com menos de 18 anos. Um dos informantes não declarou o ano de nascimento. Em relação às profissões, temos três lavradores, dois professores e um autônomo. No que se refere ao uso da língua treze declararam que utilizam no dia a dia a língua portuguesa e a língua pomerana indistintamente. Oito pessoas utilizam somente o pomerano no dia a dia, um utiliza somente a língua portuguesa no dia a dia e um declarante utiliza a língua portuguesa, a pomerana e o alemão. Em relação à competência linguística no pomerano, 17 dos 23 informantes (73,9%) declararam que sabem falar muito bem pomerano e 21 (91,3%) entendem muito bem pomerano. Todos aprenderam a língua em casa, com a família, sendo com os pais, irmãos ou avós. 39,1% declararam que já haviam sido criticados na escola por causa de sua língua de casa (ou de origem). Em relação ao uso das línguas nos diferentes domínios, podemos constatar de modo geral que o pomerano é mais utilizado na família (pais, avós, sogros), estando o português também presente, mas em menor proporção. Com os filhos, o português é a língua mais utilizada, embora hoje já admitam falar também o pomerano. Com vizinhos, amigos e colegas de trabalho a maioria dos declarantes utiliza tanto o português quanto o pomerano. Na cidade (no posto de saúde e nas lojas, por

exemplo) o português é o mais usado, mas o pomerano também está presente. Somente a investigação das marcas linguísticas lexicais bi/plurilíngues presentes no uso da variedade pomerana em CPs das RSs identificadas em SMJ, ainda está em fase de desenvolvimento e fará parte da segunda parte do projeto apresentado para o biênio 2018-2019 no Edital PIBIC 2018.

CONCLUSÕES:

A pesquisa desenvolvida cumpriu quase que na totalidade os objetivos determinados no início do projeto, qual seja o de identificar os traços de etnicidade e identidade linguística (neo) autóctone, a partir do uso funcional da variedade pomerana em Comunidades de Prática de Redes Sociais de imigrantes pomeranos de SMJ. Identificamos nas comunidades analisadas, os traços de etnicidade linguística e cultural pomerana está totalmente presente; o que foi constatado não somente pela observações de campo, reforçadas pelas paisagens linguísticas e pelas entrevistas espontâneas, mas também reforçadas pelas respostas dadas aos questionários. Neste sentido foi possível identificar alguns efeitos próprios do Contato

Linguístico (CL), tais como *code-mixing*; *code-switching* e *language shift* que resultaram de processos de assimilação e também de aculturação linguística no uso linguístico funcional do pomerano no *locus* do estudo. A discussão de como a língua pomerana torna-se uma língua variedade (neo) autóctone fica comprovada pelas ações de glotopolítica lá identificadas. Ações de *corpus* e de *status* pelas quais a língua passa ao longo dos quase 160 anos de imigração: cooficialização da língua no município de SMJ em 2009 e ainda em mais sete municípios do país, em um processo que esse inicia em 2007 e continua até 2018; a inserção do Projeto PROEPO (Projeto de Educação Pomerana) a partir de 2005 em vários municípios do ES; a edição do dicionário bilíngue pomerano-português de Ismael Tressmann(2006); o Apps “Aprenda Pomerano” criado em 2016, entre outros. No que se refere a parte de identificação de marcas lexicais bilíngues e até plurilíngues do contato, estas foram identificadas, em especial na parte de narração espontânea dos questionários e foram inseridas na situação problema, como objeto de estudo da segunda parte do projeto apresentada para o PIBIC 2018-2019.

Finalmente, vale destacar que a presente pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de contato linguístico da UFF - LABPEC), em parceria com o Laboratório da Universidade Alemã de Viadrina – *Borders in Motion* . Tais investigações vêm confirmando a relevância dos estudos de Contato Linguístico não somente para a área de sociolinguística, na identificação e descrição de variedades nacionais, regionais e dialetais, bem como para subsidiar estudos em diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Deste modo, ressaltamos a relevância da inserção de bolsistas de IC ao Projeto para introdução aos estudos na área da Sociolinguística de Contato.

Agradecimentos:

À orientadora, professora Mônica Savedra, pela orientação e pela viabilização da pesquisa de campo por intermédio do fomento de sua bolsa do Cientista de Nosso Estado da FAPERJ; ao CNPq pela bolsa PIBIC, ao LAPBEC da UFF e ao Grupo *B/orders in Motion* da EUV pelos eventos e minicursos organizados que em muito enriqueceram a iniciação à pesquisa e inspiraram o início da vida acadêmica durante o processo de iniciação científica.

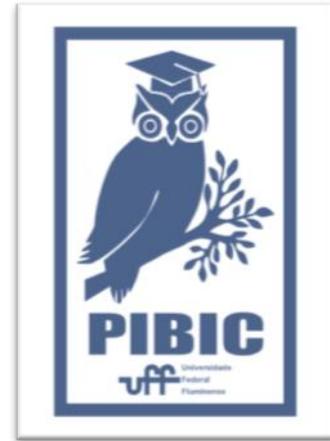


Figure 1 Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

Arquivos da Língua: Taunay

Wellington de Souza

Vanise Gomes de Medeiros (Orientadora)

GCL / Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF)

INTRODUÇÃO:

Inscrito no projeto de pesquisa “*Na captura da língua pelo escritor, as pegadas do sujeito*” (CNPq) da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros (UFF), pesquisadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), e compreendido como um desdobramento de um projeto de pesquisa PIBIC anterior a este – vigência 2016-2017, a saber – intitulado “*Por um mapeamento dos glossários para literatura em solo brasileiro*”, tais projetos possuem fundamentação teórico-metodológica nos campos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1992) em articulação com a Análise de Discurso (ORLANDI, 2002).

Mais especificamente, o presente projeto dá-se através da montagem de um arquivo de língua a ser produzido a partir dos verbetes encontrados nos glossários dos livros de literatura escritos pelo Visconde de Taunay no séc. XIX.

Tomando essas inscrições como um acontecimento linguístico e também discursivo, interessa a esta pesquisa, portanto, apenas aquelas notas que foram escritas pelo próprio escritor e daí apreendemos saberes sobre o(s) discurso(s) da/sobre a língua no Brasil do séc. XIX.

Acreditamos que tais glossários afetam a construção imaginária de língua na medida em que, atuando paralelamente a gramáticas e dicionários, confere estatuto de materialidade linguística aos elementos que ali comparecem, dando-lhes existência espaço-temporal, legitimando e estabilizando e pertinência destes mesmos termos ao léxico de uma determinada língua em um determinado período (aqui nos atemos à língua falada em solo brasileiro durante o século XIX) servindo assim a um processo chamado – conforme AUROUX (1992) – gramatização, o que consiste no aparelhamento de uma determinada língua com gramáticas e dicionários (tomamos, portanto, os

glossários por extensão tendo em vista que também cumprem essa mesma função).

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Nossa pesquisa resulta de duas obras de Taunay: *Irecê a Guaná* e *Inocência*. A primeira consta no acervo pessoal da professora-orientadora e a segunda foi encontrada à venda pela internet em uma edição atual proveniente da Editora Iluminuras enriquecida com ensaios e outros textos do autor, os quais também foram documentados em arquivos em razão de atender aos critérios da pesquisa.

Uma análise desse arquivo por nós constituído será realizada levando em consideração a língua falada no Brasil do séc. XIX. Vale ressaltar que se trata de um período no qual questões diversas relacionadas à língua e identidade nacional vinham sendo colocadas – a partir da leitura de ORLANDI (2002) podemos tomar este momento da história como o momento da gramatização brasileira do português.

Deste ponto de vista temos o glossário como um instrumento linguístico, portanto, útil à gramatização ainda que paralelamente, e ainda como um espaço de disputa de/por sentidos, de legitimação dos termos que serão considerados próprios da língua que em terras brasileiras se pretende chamar *nacional*.

Tudo isso nos dá uma dimensão da importância e do poder do simbólico na língua. Prova disso é que quem o detém consegue a partir disso estabelecer uma ideia hegemônica de língua, uma concepção ideal e virtual da língua que se não é acaba por se tornar, em tese e em um determinado espaço de tempo, a língua na forma que deve ser utilizada e compartilhada pela comunidade de falantes, e tudo isso é endossado pelos dicionários e gramáticas da época, o que vem a ser denunciado pelos

glossários de Taunay reunidos nesta pesquisa sob a forma de arquivo.

Vale ressaltar ainda que em todo tempo e lugar a língua se dá sob esta perspectiva como objeto de disputa.

Cumpra com a análise, entre outras coisas, investigar o discurso do escritor que se desdobra assumindo ainda a posição discursiva do lexicógrafo a fim de dar a dizer sobre a língua de seu tempo e lugar. Cabe ainda nesta pesquisa investigar o que se pretendia com isso, o que estava em jogo, em que condições este sujeito diz o que foi por nós documentado.

CONCLUSÕES:

Glossários podem ser escritos pelos próprios escritores dos livros, por lexicógrafos ou editores com implicações discursivas distintas em relação à materialidade linguística em questão a começar pela própria escolha lexical. O arquivo composto com a pesquisa, por ser apenas documental e porque se pretende que fique exposto, faz-se uma espécie de fotografia daquilo que foi encontrado nos livros pesquisados, permitindo um acesso amplo à materialidade linguística de um outro tempo – a saber, o Brasil do séc. XIX – no que se refere às duas obras de Taunay adotadas como objeto. A maneira panorâmica como os dados estão dispostos permitem análises diversas deste mesmo arquivo.

Agradecimentos:

Agradeço o amparo financeiro a esta pesquisa que me permitiu crescer intelectualmente e profissionalmente sob a orientação magistral da Pro^a Dr^a Vanise que foi excepcional no acolhimento, paciência, cuidado, empatia e ensinamento. Me faltam palavras para descrever o quanto completa e exemplar como pessoa e como profissional esta mulher é.

Agradeço ainda à minha família por todo o suporte, o que me permitiu chegar até aqui e vai me permitir ir além.

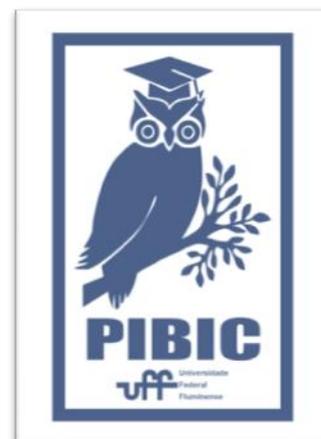
Sigo resistindo. Sem mais.

Referências bibliográficas:

- AUROUX, S., A revolução tecnológica da gramatização, 1992.
- MEDEIROS, Vanise. Língua e sujeito na captura da palavra. In: NUNES, Silvia Regina et al. (Orgs.). *Sujeito e memória:*

lugares constitutivos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016 – Coleção Enalhc, p. 255-270.

- _____. *Memória e singularidade no gesto do escritor-lexicógrafo*. Confluência, n. 46, p. 143-156, 2014. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/>. Acesso em: 06 mar. 2017.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*, SP Campinas: Pontes, 1999.
- _____. *Língua e conhecimento lingüístico; para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.





Linguística, Letras e Artes

Edição Crítica e Comentada de Papéis Avulsos de Machado de Assis, segunda parte dos trabalhos de edição.

Uédipo Ferreira dos Reis

(Orientadora: Ceila Maria Ferreira)

Departamento de Ciência da Linguagem/ Instituto de Letras/

Laboratório de Ecdótica da UFF –Labec-UFF

INTRODUÇÃO:

O projeto em questão integra a segunda parte da preparação da edição crítica e comentada da reunião de contos intitulada **Papéis Avulsos** de Machado de Assis, desenvolvido pelo Laboratório de Ecdótica (LABEC), da Universidade Federal Fluminense. Os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam o trabalho se ancoram na Crítica Textual/Filologia, entendida como o estudo e análise global do texto. A partir disso, analisamos **Papéis Avulsos** em duas instâncias, quais sejam: material e ideológica. Aquela apreende a constituição física do texto, sua escritura, suas edições e problemáticas envolvidas em sua transmissão. O viés ideológico, por sua vez, engloba as possibilidades de leitura, flutuações de sentido, o espaço penetrável pelos estudos crítico-literários e demais abordagens que exploram os significados/significantes de uma obra. Em síntese, apresentamos a relevância dos estudos dos procedimentos materiais de um texto para seu respectivo estudo, entrando, com isso, em consonância com uma declaração de Louis Hay: “Parece bastante difícil decidir da significação

de uma obra negando qualquer sentido ao procedimento que a fez nascer”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O resultado do nosso trabalho será uma contribuição para a realização de uma edição crítica dessa obra machadiana.

A discussão gira em torno da importância da Crítica Textual para os estudos de Literatura, assim como da atualidade da obra machadiana.

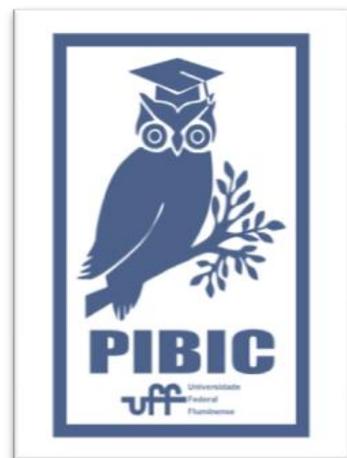
CONCLUSÕES

Observamos a pertinência de se analisar os aspectos formais de uma obra para sua interpretação, numa relação intrínseca entre forma, conteúdo.

AGRADECIMENTOS

À Proppi e à UFF

F





PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

Monstruosas organizações: mestiços e degenerados na literatura romântica brasileira

Aluna: Bruna Freitas Figueiredo

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Daflon dos Santos

**Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense**

INTRODUÇÃO:

O projeto tenciona desenvolver uma reflexão sobre o imaginário constituído a partir da representação literária do mundo natural, considerando as concepções evolucionistas de vida, sobretudo do homem e da natureza. Busca-se, portanto, verificar se haveria referências e assimilações de visões do mundo natural articulando perspectivas evolucionistas, romantismo e literatura. Para tal, parte-se da análise do romance *Til*, de José de Alencar junto a seu contexto de publicação, em folhetim, possibilitado pelas leituras dos números do Jornal em que foi publicado, *A Republica (RJ)*, durante os anos de 1871 e 1872. A partir da relação dessas análises, procura-se entender o significado de monstruoso na obra de Alencar e suas convergências na época.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Após a leitura dos números dos jornais e posterior sistematização de seus conteúdos orientada pelo tema de nossa pesquisa,

observaram-se questões que estavam em voga na época bem como a sua consonância com a nossa primeira leitura do romance: a recorrência da natureza enquanto categoria; a ideia constante relativa ao progresso nacional; a importância dada à instrução pública para esclarecimento do povo além da relação recíproca entre os aspectos físico e moral. A partir desses levantamentos, a releitura crítica do romance suscitou atenção à relação entre civilização e monstruosidade naquele período, já que ambas as noções estavam relacionadas a um debate sobre alteridade. Percebeu-se, igualmente, que, na narrativa de *Til*, o elemento religioso não desaparece, vinculando-se a essas noções e aliando-se ao aspecto do fazer artístico. Foi proposta, então, uma leitura crítica inter-relacionando civilização, religião e as funções artística e humanizadora. Relação observada nas ações da personagem Berta como modo de intervir - enquanto

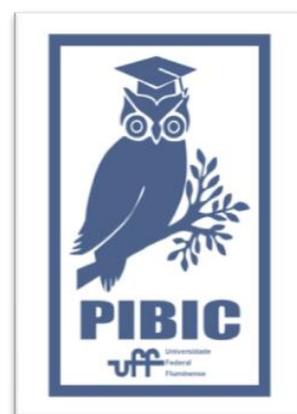
mediadora, instrumento civilizatório - nas criaturas *monstruosas* e em seu caráter de não-identidade, de *Outro*, que aparece no romance pela construção de personagens desviantes e degenerados, distantes do ideal representado pelo homem branco europeu e por sua moral. Verificou-se que essa distância era marcada na narrativa a partir de hierarquias estabelecidas pelas noções de atraso e avanço no que diz respeito ao progresso esperado para o país. Nesse sentido, a perspectiva evolucionista aparece no tratamento etapista e estratificado calcado em juízos de valor segundo categorias como raça, função e classe social, gênero, patologia e humanidade. Além disso, percebeu-se que o espaço interiorano estava intrinsecamente ligado às personagens e, portanto, às características a eles atribuídas, o que expunha a multiplicidade de tempos coexistentes no espaço em que se passava a narrativa. O conflito, nessa perspectiva, mantém-se nos polos opostos de natureza/cultura; não-humano/humano, que recalcam o que neles não se encaixam.

CONCLUSÕES:

Pôde-se concluir, assim, que, do ponto de vista da narrativa, os sujeitos considerados degenerados estariam distantes de uma concepção de civilização e, portanto, do que se entendia como *humano*. Eles são

elaborados literariamente como ameaças à imagem harmônica de pátria que se intentava construir, no século XIX. A religião e a literatura parecem constituir-se como meios de implementação da civilização, isto é, seriam instrumentos civilizatórios e integradores do território nacional. Daí o discurso literário e o religioso terem funções humanizadoras, ou seja, de resgate dos sujeitos associados ao atraso a fim de aprimorar o povo que servirá de base para a construção da nação. As limitações do tempo linear moderno frente à complexidade da situação brasileira refletem-se em uma temporalidade que se desdobra em múltiplos espaços-tempo. Nesse cenário, foi possível concluir que os *híbridos* – apresentados como *monstruosidades* – parecem surgir, na literatura de Alencar, como distorções que, criadas pela tentativa de implementação de um projeto moderno no contexto brasileiro, precisam ser submetidas a uma ação reguladora.

Agradecimento: Gostaria de agradecer ao CNPQ pela oportunidade e incentivo, à minha orientadora Claudete pela dedicação e apoio, assim como ao Instituto de Letras e à UFF.





Grande área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: Narrativas Transmidiáticas: publicidade e ficção.

Autores Lorena Ramos Maciel (bolsista)

Departamento/Unidade/Laboratório Departamento de Ciências da Linguagem (GCL)

INTRODUÇÃO:

O trabalho integra a pesquisa em desenvolvimento “Linguagens em rede: processos transmidiáticos, práticas discursivas e formas de vida contemporâneas”, desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso (SEDI/UFF/FAPERJ). O recorte aqui empreendido tem por objetivo analisar as estratégias transmidiáticas utilizadas na campanha de lançamento da minissérie “Justiça”, exibida pela Rede Globo.

A minissérie foi transmitida no período de 22 de agosto até 25 de setembro de 2016, durante quatro dias da semana; os episódios estão à disposição no aplicativo da Globo Play até hoje. A série narra as histórias de quatro personagens (Vicente, Fátima, Rita e Maurício), que foram presos no mesmo dia e que passaram o mesmo período (sete anos) no presídio. Nas segundas-feiras, com o foco na história de Vicente; nas terças, a ênfase na personagem Fátima; nas quintas, a personagem Rose e na sexta, Maurício.

O recorte de análise justifica-se, pois, a minissérie foi indicada ao Emmy 2017 na categoria de Série Dramática. Além disso, a emissora é reconhecida por produzir conteúdos de entretenimento de qualidade, sendo suas novelas e minisséries exportadas mundo a fora. Ademais, a minissérie alcançou ótimos índices de audiência e chamou atenção do público e da crítica, em função da estrutura narrativa não linear. Parte desse sucesso despertou a curiosidade do público e dos estudiosos das áreas de Linguagem e Comunicação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Na estrutura da minissérie em questão são utilizadas algumas estratégias concernentes às *Narrativas Transmidiáticas*, termo utilizado por Henry Jenkins (2009), para designar o tipo de apresentação de histórias que se constrói por e entre diferentes mídias, fazendo com que obra e público se estendam e ampliem esse universo narrativo. Nos últimos anos houve, e ainda permanece ocorrendo, um fenômeno atrelado à necessidade de convergência entre as artes, os meios, as mídias; pois foi percebido que seus âmbitos foram sendo ampliados e, a partir disso, os seus limites difíceis de serem instituídos.

Para analisar as estratégias discursivas de lançamento e de retomada da minissérie, compreendendo-as como um intervalo entre a obra ficcional e a publicidade, o trabalho recorre ao instrumental teórico da Semiótica Discursiva de linha francesa. A semiótica fundada por Algirdas Julien Greimas, nos anos de 1960, parte da formulação de Hjelmslev, que define a significação a partir da relação entre as formas do plano da expressão e do plano do conteúdo das linguagens. Os estudos semióticos pretendem entender, então, quais são os mecanismos responsáveis pela produção de sentido nos textos. Para isso, foi concebido um aparato metodológico que permite observar a produção da significação como etapas que se superpõem, indo de um nível profundo e abstrato até um mais superficial e concreto. Esse simulacro metodológico surge, nos primeiros estágios da teoria, para satisfazer a

necessidade de descrever e explicar quais procedimentos são empregados na composição discursiva que se concretiza nos textos. Entretanto para atender às exigências que os objetos e os percursos de análise impuseram ao modelo canônico da teoria, a semiótica incorpora, a partir dos anos 1980, noções como afetos, percepção, significação em ato, modos de interação, contágio dos sentidos.

Na análise observou-se o “Especial Visão 360º”, disponível no portal de entretenimento da Rede Globo, bem como estratégias de lançamento da minissérie, e estratégias de retomada tanto oficiais (resumos, reapresentações, conteúdos on demand), como as replicações de fãs memes, fanfics e postagens em redes sociais. Todos esses conteúdos desenvolvidos sobre a minissérie formam uma rede discursiva que ora expandem os conteúdos narrativos, ora a experiência do enunciatário. As estratégias de antecipação, retomada e expansão utilizam suportes diversos e convocam o enunciatário a interagir em diferentes níveis de engajamento. Além disso, observamos diferenças no uso linguístico em que a buscou-se persuadir o público por meio da convocação da aproximação, que simula parceria intimidade como na postagem do Facebook “O que dizer dessa minissérie que nem começou e já me deixa sem fôlego?”

Os apelos sensoriais das imagens e dos textos apelaram para a dimensão sensível do discurso, como foi possível constatar no anúncio publicitário de lançamento. Nele, as linhas que separam e delimitam também são as mesmas que unem e aproximam os protagonistas, havendo um jogo de aproximação e afastamento, podendo o público ter uma percepção parcial ou total do anúncio. As personagens são colocadas nos cantos da arte e o título da minissérie (sombreado em preto) é posto no centro (juntamente com o anúncio da estreia), ligando aquelas (que possuem expressões parecidas que remetem ao sofrimento) a um único eixo temático (o da justiça). O debate passional entre vingança e justiça, estabelecido na série expande-se para

todos os outros conteúdos e é, por vezes, retomado nas produções de fãs.

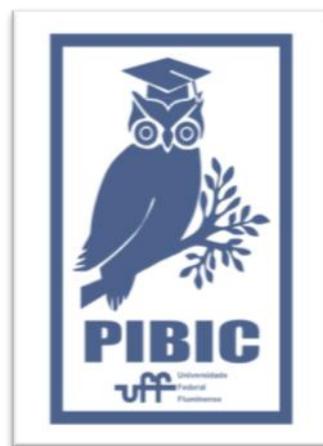
CONCLUSÕES:

Como conclusão, tem-se a ideia de publicidade ampliada e mais perceptiva, pois esse campo está além de comerciais que passam na televisão ou campanhas de revista. Percebe-se que a publicidade está em cada palavra, foto, texto; ela se encontra em todo o corpus selecionado, juntamente com as narrativas de transmidiação. Pode ser percebido também o esforço em que a emissora tem em fazer a propaganda da série, criando vários percursos por onde cada tipo de enunciatário pode se deparar, propagando, assim, a imagem da série e da própria emissora, pondo em consumo não somente a minissérie em si, tudo o que dela pode ser aproveitado e marca da própria emissora.

No trabalho, pudemos compreender, por meio do instrumental teórico da semiótica, como a transmidialidade se constrói como um modo de narrar que reúne características do discurso ficcional e do discurso publicitário, ao agenciarem os desdobramentos da minissérie (temas, figuras, programas narrativos) e apelo à participação e fidelização do público.

Agradecimentos:

Agradeço, com muita alegria e sentimento de dever cumprido, à Universidade, à minha orientadora, aos meus amigos e à minha família, esta que me ensina as questões basilares da vida e que me incentiva a evoluir cada vez mais. Vó Graça, obrigada por tudo. Sigo aqui obedecendo ao que a senhora me ensinou, “estou levando”!





Grande Área do Conhecimento: Linguagens e Artes

Título do Projeto: Participação em redes sociais multilíngues e letramentos digitais

Autores: Bárbara Bravo Pires Ferreira / Prof. Dr. Joel Windle

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

INTRODUÇÃO:

Pesquisas sobre variedades não padrão de inglês no Brasil ainda são muito recentes, surgindo dentro de visões sociolinguísticas de línguas como construções discursivas, sempre heterogêneas e instáveis (SCHULTZ; FRANCESCO, SENEFFONTE e DE ALMEIDA BARONAS, 2014; ALVES e BATTISTI, 2015). Essa perspectiva se apoia nas pesquisas internacionais mostrando que a apropriação do inglês em práticas culturais vem constituindo um vetor de solidariedade entre grupos online (PENNYCOOK, 2007). Externamente ao contexto escolar, sabemos muito pouco sobre as perspectivas e experiências dos brasileiros com práticas envolvendo inglês e quase nada sobre a situação dos jovens que se apropriam de formas não padrão da língua inglesa no seu dia-dia. O presente projeto vai ao encontro de outras pesquisas brasileiras mostrando a importância de espaços virtuais, especialmente com as possibilidades produtivas da Web 2.0 na construção e defesa da identidade (MOITA LOPES, 2010; MELO e MOITA LOPES, 2013; 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

São analisadas as práticas de letramento digital de jovens brasileiros com base em uma abordagem exploratória (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008; 2011). O projeto envolve jovens que têm contato regular com a língua inglesa por meio de redes sociais e propõe uma abordagem mista, composta de análise de publicações em redes sociais e entrevistas com participantes (KEVIN e KELLY, 2003; LAM, 2006). Baseamo-nos no conceito de *design* desenvolvido pelo New London Group (1996), em que os falantes de uma língua, ao mesmo tempo em que são expostos a modelos prévios

de significado, ao utilizá-los, se tornam *designers* e podem modificar os seus sentidos, através de *redesign*. Dessa forma, entende-se que os usuários da página partem de um modelo prévio de inglês do qual eles têm contato através de filmes, músicas e vídeos, e se agrupam em uma rede social, modificando seus sentidos e referências. Desse pressuposto, observamos dois tipos de movimentos, do tipo causa e consequência, envolvendo o uso de inglês na página. Primeiramente, a partir da apropriação de um lugar de fala entendido como estrangeiro e afro-americano pelo dono da página, foi causado estranhamento nos próprios usuários, os quais primeiramente entendiam-na como americana, visto que havia a suposição de que nesse lugar que tem nome e conteúdo majoritariamente em inglês, não poderia ter sua origem em pessoa e lugar. Segundamente, já no âmbito político-social de uso de inglês na página, podemos observar outra espécie de dualidade. Para alguns dos entrevistados, as postagens, mesmo que sejam baseadas na cultura pop americana, e nas cantoras consideradas divas pop, acabam por se aproximarem do que há de periférico tanto nos EUA, através de gírias do gueto, quanto com o que há no Brasil, ao refleti-las nos discursos de minorias brasileiras. Mesmo assim, existem argumentos de outros entrevistados que apontam para a possibilidade de não identificação entre culturas, por fatores como falta de conhecimento sobre a cultura do país exposto. Ao acompanharmos as postagens e as atividades dos participantes envolvendo a página, ficou evidente o relacionamento que existe entre o conteúdo postado e o conteúdo esperado como retorno dos participantes, o que aumentou o reflexo causa e consequência tanto de ordem linguística, como de ordem social.

CONCLUSÕES:

Apoiados pelas ideias de *translinguagem*, *remix*, e *design*, visto que são as que melhor compreendem os fenômenos estudados, buscamos evidenciar como as redes sociais e, principalmente o *Facebook*, podem servir como plataforma diária para exposição de diferentes vozes e identidades, na tentativa de criar uma aproximação entre falantes não nativos da língua e o inglês. Portanto, com os resultados da pesquisa, podemos compreender como ainda existe, pelos usuários da língua, uma dissociação do que é visto como “correto” e “tradicional”, que ainda prevalece enquanto língua proveniente das escolas e cursos, sobre o que é visto como transgressor e informal, como proveniente das áreas periféricas e orais de uma língua. Ainda assim, entende-se que, através do hibridismo linguístico, os usuários da página são capazes de compartilharem uma atitude transgressora diante da interação entre línguas e culturas, por incorporar elementos de uma língua na outra e, com isso, transformar as próprias identidades como falantes da língua portuguesa e inglesa. Ao fazerem isso se tornam, então, transgressores da ordem, do padrão, do aceitável.

Agradecimentos:

Agradeço à Universidade Federal Fluminense pela oportunidade de fazer parte de um projeto científico com bolsa, enquanto estudante de graduação na área de Letras. E agradeço também ao professor Dr. Joel Windle que me auxiliou durante todo o processo do meu projeto, sempre disposto a trabalhar com minhas ideias.

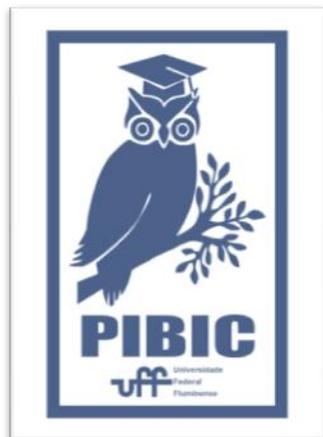


Figure 1: Logo PIBIC



Grande área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: A prática como componente curricular nos cursos de Letras da UFF/Niterói: uma análise de ementas e de programas de disciplinas

Autores: Livia Puga de Almeida Santos (bolsista PIBIC 2018/2019), Luciana Maria Almeida de Freitas (Orientadora)

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento/Faculdade de Educação

INTRODUÇÃO:

Este projeto visa a dar continuidade a pesquisas, contempladas em edições anteriores do PIBIC/UFF, no âmbito dos Grupos de Pesquisa Discurso e Educação Linguística – DELIN e PRÁTICAS de linguagem, trabalho e formação docente. Para a vigência 2017/2018, objetivou-se enfatizar a prática como componente curricular (PCC) nos cursos de Licenciatura em Letras oferecidos pela Universidade Federal Fluminense em Niterói. Mais especificamente, observou-se como e sob qual perspectiva teórica a PCC é incorporada nas ementas e nos objetivos de disciplinas dos oito cursos de Licenciatura em Letras da UFF oferecidos no campus sede. Como suporte teórico deste projeto, lançou-se mão das contribuições da concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, com destaque para o conceito de gênero discursivo (BAKHTIN, 2003; VOLOSHINOV, 2009). Além disso, serviram de suporte para as discussões realizadas as contribuições de pesquisadores que vêm abordando o currículo em suas reflexões, tanto na perspectiva crítica (APPLE, 2008) quanto na pós-crítica (SILVA, 2007) e, ainda, a discussão entre a relação teoria e prática no âmbito educativo a partir de estudos neomarxistas (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003; GADOTTI, 1998). Entende-se que esta pesquisa contribui para a promoção do conhecimento de questões relativas à formação docente, em especial, na área de Letras. Além disso, suscita reflexões acerca de uma questão que afeta a educação básica, pois se trata da preparação de seus futuros professores, em um momento em que os cursos de licenciatura brasileiros estão em reformulação em função da Resolução CNE/CP n.2/2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação docente. Esta pesquisa pode, ainda, colaborar com o processo de mudança curricular do curso de Letras/Niterói

da UFF, que está em andamento neste momento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Em levantamento realizado no banco de teses da CAPES (2017), com busca por “Prática como componente curricular” e “estágio supervisionado”, foi encontrado um registro (CORDEIRO, 2015) no que se refere à PCC nos cursos de Licenciatura em Letras. Tal pesquisa não abarca os cursos da UFF, o que confirma o ineditismo deste projeto.

Com relação às normativas oficiais, foi realizado um levantamento analítico das resoluções e pareceres do Conselho Nacional de Educação. A partir das análises dos documentos sobre formação docente, observou-se a primeira aparição da noção de PCC no parecer CNE/CP 28/2001. Em pareceres e resoluções anteriores encontra-se o termo “prática”, sempre entendido como prática de ensino ou estágio.

Na Resolução n. 1/2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, tampouco há uma definição de PCC. O que se observa, no entanto, é uma insistente repetição do termo prática(s), que tem doze ocorrências em um texto de menos de sete laudas.

Na verdade, as Resoluções de 2002 que normatizam os cursos de Licenciatura insistem de forma bastante incisiva em uma efetiva integração teórico-prática. Assim, tais documentos reforçam o fato de que todas as disciplinas dos cursos de licenciatura formam professores. Formam pelo seu conteúdo específico, já que o docente não pode prescindir dele, e formam porque, todas elas devem incorporar uma dimensão de preparação para a docência. Portanto, todos os componentes curriculares devem incorporar uma dimensão

prática, entendida como os conteúdos que se relacionam à docência

Após esse levantamento analítico, foi realizado o exame de ocorrências da palavra “prática” nos Formulários nº 13 dos cursos de Letras em vigor após a reformulação curricular promovida em 2005. Nas ementas e objetivos dos oito cursos analisados, apenas em cinco disciplinas (Literatura Portuguesa I e Literatura Portuguesa II, Latim Básico I, Latim Básico II e Matrizes Clássicas) o termo prática se aproxima vagamente da noção de PCC, pois incluem uma menção à “prática educativa” forma como a Resolução CEP 50/2004, que estabelece a base comum das licenciaturas da UFF, incorpora a PCC.

Em sequência a essa etapa, foi realizado um segundo levantamento nesses mesmos formulários, desta vez buscando ocorrências de outros termos que poderiam indicar uma aproximação com a PCC. O mais encontrado foi “ensino”, cujas aparições parecem estabelecer alguma relação com a docência na Educação Básica; no entanto, a maioria delas assume explicitamente um viés aplicacionista, em uma artificial distinção entre teoria e prática, que é exatamente o que as normativas oficiais buscam combater.

CONCLUSÕES:

A partir dessa análise foi possível concluir que nos Formulários n. 13 dos cursos de Letras a prática como componente curricular no sentido atribuído nos Pareceres CNE/CP n.9 e n. 28 de 2001 (CNE/CP, 2001a; 2001b) não está presente; ou seja, não são cumpridas as Resoluções n. 1 e n. 2/2002, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais e a carga horária para cursos de licenciatura.

A necessidade de se buscar compreender os processos de seleção de conhecimento e de exclusão de saberes em currículos se explicita nesse resultado, que não se adequa às normativas oficiais que deveria cumprir. Com isso, se evidencia a afirmação de Silva (2007) de que o currículo é documento de identidade, carregado de subjetividade e de relações de poder.



Grande área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: De Flicts às Meninas: construção do imaginário sociodiscursivo em livros ilustrados de Ziraldo

Autores: Júlia Vieira Correia (bolsista) e Beatriz Feres (orientadora)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa propõe uma análise do processo de referenciação verbo-visual em livros ilustrados de Ziraldo, com o objetivo de verificar a construção do sentido textual. Busca-se investigar como as duas parcelas significativas desses textos se confrontam e interagem entre si, visto que, hipoteticamente, os processos referenciais – de indicação e remissão dos seres e dos fatos – são exclusivos da parcela verbal do texto. O estudo tem como objeto o conjunto verbo-visual observado na configuração de *Flicts* (1999), *Meninas* (2016) e outras obras do autor e ilustrador.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A leitura e a construção da narrativa de um livro ilustrado, isto é, da obra verbo-visual estática, têm seu sentido atrelado à integração entre palavra e imagem. Nesse sentido, para estabelecer a progressão, são necessárias formas de introduzir e reintroduzir elementos textuais, ou, como explicam Koch e Elias (2017, p. 123), formas de estabelecer a progressão referencial, que consiste na “construção e reconstrução de objetos do discurso”.

No entanto, é importante ressaltar que nesta análise foram observados objetos e elementos do discurso em livros com “dois níveis de comunicação, o visual e o verbal” (NOKOLAJEVA & SCOTT, 2011, p. 13). Isto é, analisou-se a combinação desses dois níveis em relação aos processos referenciais, com base, principalmente, na proposição de Feres e Mattos (2017, p. 1) de que “no livro ilustrado, a instauração de objetos de discurso e sua possível retomada realizam-se ora por meio de elementos verbais, ora por meio de elementos imagéticos codificados”. Desse modo, fica claro que, assim como não há dois textos diferentes

no livro ilustrado, também não há dois tipos de referenciação, nem somente a referenciação por meio dos elementos verbais.

Feres e Mattos (2017, p. 6) destacam, ainda, o valor desse recurso em relação ao público-alvo infantojuvenil, pois contribui para a adesão ao texto literário. Ademais, as autoras mostram que esse artifício permite o conhecimento de recortes da realidade, muitas vezes ainda não apreendidos pelo leitor-criança em sua experiência no mundo, e temas delicados, mas necessários para a formação do ser humano. Por essa ótica, esta pesquisa rejeitou a ideia de que as imagens funcionam como meio facilitador para a interpretação ou como repetidor do sentido verbal, investindo em sua potencialidade significativa.

CONCLUSÕES:

A partir desse estudo teórico e da análise, pode-se concluir que os livros ilustrados de Ziraldo selecionados para esta pesquisa apresentam uma dupla referenciação, visto que o texto é composto por duas parcelas: uma verbal e uma visual. Observou-se que, em alguns casos, o processo de referenciação se dá mais por elementos da parcela visual, em outros mais pela parcela visual.

Em *Flicts* (Ziraldo, 1999), livro cujo personagem principal é a cor chamada de Flicts, observou-se que essa cor é inserida no texto através do seu nome “Flicts” no título do livro – recurso verbal – e também através da personagem-cor desse título – recurso visual. O processo de retomada se dá, em seguida, pela aparição da mesma cor novamente, ainda que





semáforo em Flicts

em disposições visuais e formas geométricas diferentes, pela palavra "cor", por pronomes e por elipses. Isto é, esse processo configura-se como de dupla referenciação, visto que é composto pelas duas parcelas. Além disso, no momento em que o personagem Flicts

procura por alguém para ser seu amigo, ele pergunta: "Eu posso ser seu amigo?" (ZIRALDO, 1999, p. 35). Como resposta, recebe "não" da cor vermelha, "espera" da cor amarela e "vai embora" da cor verde, ao lado das respostas das três cores que compõem o semáforo, há círculos preenchidos com as cores, concretizando uma dupla referência ao sinal de trânsito, já que os comandos das luzes acesas equivalem às respostas dadas.

Já o livro *Meninas* (Ziraldo, 2016) apresenta a história de uma menina que, na verdade, representa diversas meninas. Essa "menina", que na realidade são muitas, aparece do início ao fim do livro. Na parcela verbal, é utilizada a palavra menina e outros artifícios da



Fig. 3 - Meninas



Fig. 4 – Gato-que-ri

língua portuguesa para estabelecer parte da progressão referencial. Já na parcela visual, cada conjunto de páginas apresenta uma ilustração diferente de uma menina, configurando a outra parcela da progressão referencial. Um recorte interessante está nas páginas 20 e 21. Naquela, há uma ilustração do gato risonho do clássico *Alice no país das maravilhas* (CARROLL, 1865) e nesta se pode ler "Menina e seus bichos / vivem no país do Lugar Nenhum, / que não se sabe onde fica / e é a terra do Gato-Que-Ri" (ZIRALDO, 2016, p. 21). Nesse trecho, há uma evidente dupla referenciação, reforçada pela intertextualidade, para indicar a menina que se identifica como

Alice, personagem de Carroll. Pode-se concluir, nesse âmbito, que os processos referenciais em livros ilustrados não são exclusivos da parcela verbal do texto. Há, portanto, processos de dupla referenciação, envolvendo o visual e o verbal.

Agradecimentos:

Agradeço à minha família, que sempre esteve presente e que sempre permitiu que os meus estudos fossem a minha prioridade, dando-me suporte para tal. Agradeço também aos excelentes professores que tive na graduação e que contribuíram positivamente para o meu desenvolvimento profissional e acadêmico. E agradeço, principalmente e especialmente, à minha orientadora, Beatriz Feres, que acreditou e confiou em mim, mais uma vez.

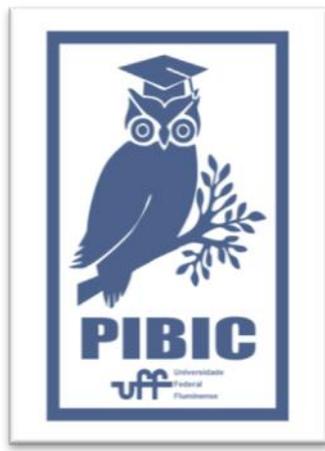


Figure 5: Logo PIBIC



Grande área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações

Autores: Prof^a Dr^a Maria Bernadette Velloso Porto (orientadora) e Philippe de Avellar Dias Pinto

Instituto de Letras da UFF/Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (GLE)/Núcleo de Estudos Canadenses da UFF (NEC-UFF)

INTRODUÇÃO:

Nesta subpesquisa intitulada “Babel de muros, Babel de pontes”, procurou-se desenvolver a relação e as possíveis (re)interpretações do mito de Babel na sociedade francófona contemporânea, na maneira como ela é representada em sua(s) literatura(s), articulando elementos presentes em seu conteúdo (personagens, diálogos, o próprio enredo), na forma (a presença de mais de uma língua, de estrangeirismos, de tradução interna, de intertextualidade) ou no paratexto (capa, título). Mesmo baseando-se em apenas três obras literárias principais, junto a um conjunto de produções acadêmicas e textos produzidos para embasar uma leitura crítica destas obras, já foi possível constatar que o mito da Torre é incrivelmente atual.

Ao longo das leituras, a cidade de Montreal, a maior e mais populosa da província do Quebec, delineou-se como manifestação babélica em potencial: perpassada por vários idiomas, provindos dos diversos imigrantes e do constante choque cultural e linguístico vivido pela província francófona (em um país predominantemente anglófono), Montreal revela-se um lugar construído e reconstruído pelo imaginário singular e coletivo, sendo cada palavra um tijolo capaz de construir um novo muro, ou uma nova ponte.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A obra *Tambour-Babel*, do autor antilhano Ernest Pépin, pode ser lida como uma renovação mais arquetípica do mito; logo, mesmo sendo a narrativa localizada na Guadalupe, suas manifestações “babélicas” são mais gerais e simbólicas. A língua única, anterior à intervenção divina, seria a música

produzida pelo tambor, instrumento que atravessa o sagrado e o profano, e representa o que o coletivo partilha, suas tradições, sua expressão. Um dos protagonistas acaba por perder a maestria que tinha com essa linguagem, como se sofresse, subitamente, da falta de compreensão da língua original; outro, faz o trajeto inverso, precisando conquistar esse dom, reunindo em si todas as referências heterogêneas de sua personalidade para acessar a linguagem do grupo, de maneira renovada: uma Babel refeita a partir do múltiplo, e não mais do único.

Nous avons tous découvert l'Amérique, de Francine Noël, propõe uma visão de Montreal a partir sobretudo do olhar de uma « nativa » que contempla a vida fervilhante, pontilhada de estrangeiros, aos quais dedica sentimentos distintos, ora mais simpáticos, ora mais aversivos (em especial em relação àqueles que falam inglês). A questão da língua aparece de diversas maneiras, inclusive na profissão da protagonista (que é fonoaudióloga) e na de sua melhor amiga (tradutora), além de tudo, também ela, estrangeira (francesa, de ascendência espanhola). A profissão da segunda voz narrativa fecha à referência à torre de Babel: o personagem é engenheiro.

Finalmente, a obra *Les Aurores montréalaises*, de Monique Proulx, aprofunda ainda mais a visão fragmentada sobre Montreal, dividindo a voz narrativa a cada capítulo, variando entre 1^a e 3^a pessoa, entre presente e passado, incluindo capítulos inteiramente epistolares. A cidade cosmopolita é agora vista de dentro, com todas as suas contradições, atritos, contatos humanos difíceis, habitantes que, nem sempre tão abrigados, precisam partilhar um espaço, mas sequer são capazes de se comunicar e expressar-se claramente entre si, ou consigo mesmos. Novamente ressurgem a questão da

língua, a intertextualidade com outros autores e obras das chamadas “Literaturas francófonas”, o confronto entre as línguas inglesa e francesa no Canadá e a construção da identidade atrelada a um lugar, passado, perdido, presente e não encontrado

CONCLUSÕES:

A construção de si parece ser tão difícil e inatingível quanto a Torre original, um processo fadado a não se concluir, a ser destruído continuamente e a se banhar na incompreensão e na incomunicabilidade. A literatura, como a Arte em geral, é capaz de transmitir isso, sendo ao mesmo tempo reflexo da sociedade que a produz e, paralelamente, ajudando-a a se definir de alguma forma. É a mensagem lançada, de si para o outro, autêntica e construída.

Mas esse inacabamento não precisa ser visto somente pelo aspecto negativo e frustrante. Sendo visto exatamente como é – um processo – o inacabamento pode se tornar o convite para a eterna criatividade e reinterpretação de si e do outro, conforme se privilegia determinados pontos como sendo eixos ou balizas (também estas fluidas) das construções. Com abertura suficiente, nem sempre o respeito e afeto exigem uma compreensão completa, e nem tudo é exprimível em palavras, em qualquer língua.

Também a ideia de lugar e pertencimento é fruto de construções e escolhas. O imaginário mais renova do que preserva a visão sobre a relação do indivíduo com o espaço que habita, a partir de generalizações, estereótipos, memórias, expectativas, frustrações. O mesmo lugar pode tornar-se lar ou prisão, exótico ou hostil, conforme a diferença é lida, confrontada ou aceita. Esta mesma leitura estende-se ao outro, seja ele o nativo ou o migrante, este alguém que renova a visão de mundo e escapa às noções confortáveis que compõem as verdades pessoais.

Agradecimentos:

Agradeço ao CNPq pela possibilidade de desenvolver uma pesquisa capaz de enriquecer tanto a vida acadêmica quanto a sensibilidade diante da riqueza da experiência humana, através da leitura, reunindo todo o potencial desta área do conhecimento. O orientando espera que este trabalho possa igualmente

favorecer outros pesquisadores a ampliar suas possibilidades de conexão diante do tema.

Agradeço o apoio, paciência, enorme conhecimento e afeto de minha orientadora, capaz de me proporcionar, a cada encontro, um vasto repertório de informações, dados, laços possíveis, tudo engrandecido por incrível sensibilidade e sincero deslumbramento pela literatura e pela reflexão dos autores, construídos na Arte e na Ciência. Sou grato também por sua confiança em minha capacidade de levar adiante sua pesquisa, com bastante liberdade, desejando que me ponha em ação com tudo o que puder oferecer.

Sou grato aos amigos e à família, que mantiveram seu apoio e incentivo, motivando-me mesmo em momentos de cansaço e sobrecarga. Sua presença torna mais generosa minha visão do “outro”.

Por fim, agradeço aos autores, cujas obras me permitiram este trabalho, mesmo que nunca venham a saber o quanto ajudaram a transformar minha relação com o mundo, com as pessoas, com o conhecimento e comigo mesmo.

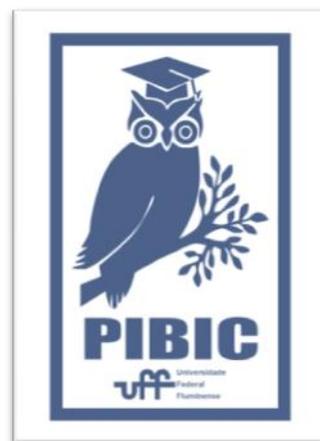


Figure 1: Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

As Formas de Referências ao Tempo Futuro em Situações de Interação: Levantamento e Análise

Alexsander Carneiro Tinoco

GCL/Instituto de Letras/Grupo de Estudos Português em Uso

INTRODUÇÃO:

Esta é uma continuação da pesquisa que, num primeiro momento, investigou as formas de referência ao futuro no português falado no estado do Rio de Janeiro. Nesta segunda fase da pesquisa estudamos a noção de futuridade dos verbos modais, com ênfase no verbo *querer*.

A nossa metodologia se baseou na leitura de estudos anteriores a fim de compreender como o tempo futuro era expresso no latim, como se deu sua evolução até o português e o que os estudos recentes dizem sobre a expressão de tempo futuro. Também fizemos uma pesquisa em *corpus* para recolher dados de fala, e, posteriormente, fizemos, também, uma análise qualitativa e quantitativa desses dados.

Na segunda fase da corrente pesquisa, foi feita uma pesquisa bibliográfica a fim de compreender a modalidade, como ela se relaciona com o futuro e os verbos modais, em especial, o verbo *querer* e sua noção de futuridade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Na primeira fase desta pesquisa, buscamos compreender como era expresso o tempo futuro na língua latina. Vimos que, no latim, havia três formas para se referir ao tempo futuro, sendo elas o futuro arcaico como em *faxo* e *capso*, também formas de origem subjuntiva como *legam* e *uenies*, e formas sintéticas em *-bo* como em *cantabo*.

As formas de origem subjuntiva e arcaica foram aos poucos sendo abandonadas em detrimento das formas sintéticas e perifrásticas, no latim vulgar. Nesse período, uma das formas perifrásticas era constituída pelo Futuro Ativo Participípio terminados em *-urus + Sum*, essa forma expressava aspecto (FLEISCHMAN, 1982). Outra forma de perífrase era construída pelo verbo *habere* no presente do indicativo +

Verbo Principal. *Habere* era inicialmente deôntico e a partir do século IV d.C. este verbo adquire valor de futuro. Após ocorrer essa transformação do significado, a perífrase aglutinou-se aos poucos, até construir as novas formas de futuro das línguas românicas no século XII (CÂMARA JR., 1985).

Na língua portuguesa, a forma sintética do futuro, como em *cantarei*, coexiste com a forma perifrástica *ir + infinitivo*, como em *vou cantar*, e o presente, como em *canto*.

Esta pesquisa se ocupou, também, em fazer um levantamento de dados de fala e analisá-los a fim de investigar as expressões de referência ao tempo futuro. Para isso foram utilizados dados do Corpus Censo e do corpus Amostras de Fala Fluminense. Foram selecionados falantes de ambos os sexos, com idade a partir dos 18 anos e com escolaridade nos níveis fundamental, médio e superior.

Nessa investigação, recolhemos 156 ocorrências de referência ao tempo futuro. Vimos que o futuro perifrástico, formado por *ir + infinitivo*, ocorreu em 95% do total, enquanto que o futuro formado pelo tempo presente ocorreu em apenas 5%. Não houve ocorrência do futuro sintético.

Em nossa análise, consideramos também possíveis motivações para o uso de uma forma de expressão do tempo futuro em detrimento de outras. Buscamos avaliar a atuação de algumas dessas motivações, através dos seguintes parâmetros semântico-discursivos: Atividade Programada, Proximidade Temporal, Controle do Sujeito, Contexto de Mudança, Orações Subordinadas e Advérbios.

A atividade programada ocorreu em 7% do futuro perifrástico e em 13% no presente, a Proximidade Temporal em 12% no futuro perifrástico e 13% no presente, o Controle do Sujeito foi observado em 67% no futuro perifrástico e em 13% no presente, ambas as formas indicavam mudança em 25% dos casos, 31% das formas de futuro perifrástico estavam

em orações subordinadas, enquanto que o presente estava em 63%; 10% do futuro perifrástico ocorreram numa mesma sentença com algum advérbio de tempo, enquanto que para o presente esse parâmetro foi de 25%.

Na segunda fase, focamos a pesquisa na relação entre modalidade, verbos modais e o tempo futuro. Vimos que a modalidade é a postura do falante em relação ao objeto de sua comunicação e que os verbos modais, *poder*, *dever*, *precisar*, *ter* e *querer*, são recursos utilizados pelos falantes do português para expressar obrigatoriedade, possibilidade, necessidade, certeza e volição.

Ao longo dessa pesquisa, demos ênfase ao verbo *querer*, no qual se manifesta a volição, buscando compreender algumas especificidades em relação aos demais verbos modais. O verbo *querer* pode ser usado para se referir ao ato de desejar, como na frase: “Quero ir ao cinema amanhã”, e a situações possíveis, como no exemplo: “A chuva quer cair a qualquer momento”. Nessa investigação, vimos que o futuro é de natureza modal, já que todo evento que ainda está para se realizar envolve, por parte do falante, sua postura em relação à realização ou não do evento referido. No que diz respeito ao verbo *querer*, vimos que há em si uma sutil noção de futuridade, pois a ação do verbo principal ocorre sempre depois do desejo e de sua exteriorização por meio de *querer* e é nisso que há a manifestação da modalidade nesse verbo.

CONCLUSÕES:

Como vimos anteriormente, as línguas têm um ciclo de mudança das formas de referência ao futuro. Tomamos como ponto inicial as formas de futuro do latim e percebemos que há uma possibilidade de várias formas coexistirem e algumas caírem em desuso, assim como a possibilidade do uso do presente para se referir ao tempo futuro. Vimos que uma forma perifrástica da língua latina se sobrepôs gradualmente à forma sintética de futuro, essa forma perifrástica, quando já aglutinada, deu origem às novas formas sintéticas de futuro das línguas neolatinas.

Cada uma das formas de referência ao tempo futuro, como observamos, oferece diferentes maneiras de o falante expressar o modo como ele projeta um dado evento futuro, considerando sua possibilidade de realização.

Também vimos que o futuro perifrástico está ganhando força, enquanto que o futuro simples

está caindo em desuso também na variedade fluminense da qual este estudo se ocupou, isso pode significar que estamos em estágio avançado da gramaticalização da forma perifrástica.

Na segunda fase vimos que a língua portuguesa permite que o falante expresse seu ponto de vista em relação àquilo que comunica. Podendo, tal postura, ser expressa por meios de verbos modais, enfatizando, neste estudo, o verbo *querer*. Vimos, também, que esse verbo indica uma futuridade em relação ao verbo principal, quando temos uma relação entre *querer* + verbo principal no infinitivo.

Agradecimentos:

Agradeço à minha professora e orientadora Maria Jussara de Almeida Abraçado por ter me dado a oportunidade de ingressar numa pesquisa e, assim, poder aprender e contribuir com a academia. Agradeço ao CNPQ pelo auxílio e comprometimento com a pesquisa acadêmica e com a ciência, à Universidade Federal Fluminense pelo ambiente favorável ao desenvolvimento científico, ao Grupo de Estudos Português em Uso – o PorUs, por ter me acolhido e me ajudado a crescer na academia, e gostaria de agradecer a todos que indiretamente contribuíram para o sucesso de minha pesquisa.

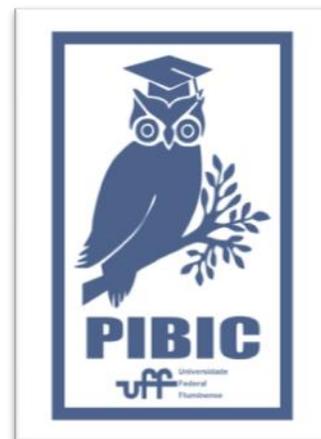


Figure 1: Logo PIBIC



Grande área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: "Cenas de leitura: vozes e revistas portuguesas de poesia contemporânea"

Autores Maria Carolina Ramos Costa Cysneiros / Ida Alves (orientadora)

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – GLC / Instituto de Letras / Núcleo de

Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA UFF

INTRODUÇÃO:

Conforme descrito no relatório final da presente pesquisa, no contexto do projeto "Cenas de leitura: vozes e revistas portuguesas de poesia contemporânea", aprovado com Bolsa PIBIC, nosso trabalho consistia no mapeamento de dados e análise de um conjunto de revistas de poesia portuguesa visando o exame de "cenas de leitura" que englobam a produção, circulação e recepção críticas de e sobre poesia. O recorte temporal foi delimitado a partir dos anos 90, numa linha comparativa com outras revistas do passado – *Orpheu* e *Presença* - e do presente – *Relâmpago*, *Cão Celeste*, *Telhado de Vidro* e *Criatura* - que constituíram ou constituem cenas de leitura de poesia. Pretendíamos estudar o cenário da crítica de poesia na conjuntura das décadas mais recentes, sua relação com o leitor e estratégias de leitura. A abordagem teórico-crítica abrangia Poesia, Teoria Literária, Crítica de Arte, Filosofia da Linguagem e Cultura Contemporânea.

Na busca por compreender o sistema poético moderno contemporâneo português e suas redes de sociabilidade literária, nosso trabalho focou a atenção primeiramente na *Revista Relâmpago*, ao apresentar vozes poéticas que se sobressaem nesse cenário e ao colocar em questão problemas acerca da crítica de poesia. Analisamos, portanto, a importância das revistas de poesia para repercussão crítica de poetas e suas obras, destacando o lugar da *Relâmpago*, com viés comparativo, em relação a outras revistas do passado e do presente que constituíram ou constituem cenas de leitura de poesia. A partir das leituras e catalogações das publicações selecionadas como objeto de análise, examinei as relações entre os autores que contribuíram, sempre a convite dos realizadores, com textos para a *Relâmpago*. Também me debrucei sobre os diversos temas escolhidos para as publicações, sobre a circulação da revista – publicação impressa e site na internet - e a sua penetração tanto no meio acadêmico quanto na

mídia aberta, como forma de traçar um panorama de seu alcance, influência e contribuição para a poesia portuguesa contemporânea nos seus 21 anos de existência. Para tanto, nos interessavam alguns aspectos do ciclo poético da *Relâmpago*: Quem publica? Quem escreve? Quais tipos de textos são veiculados? Sobre quais temas? Que redes de citação são construídas? Quem lê?

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Publicada desde 1997 pela Fundação Luís Miguel Nava, a *Relâmpago* nasceu como manifestação da última vontade do poeta morto em 1995 - registrada em testamento - e atualmente é comandada pelo poeta e crítico literário Gastão Cruz. É publicada semestralmente e constituída por textos (ensaios, depoimentos, testemunhos, cartas, diários, bibliografias, críticas de livros, poesia inédita e poesia traduzida) que são majoritariamente parte de um tema proposto. No que se refere aos diferentes gêneros textuais presentes na *Relâmpago*, o trabalho de pesquisa e catalogação destaca alguns como primordiais ao trabalho de circulação de poesia: (i) os depoimentos e testemunhos; (ii) os ensaios; (iii) as poesias inéditas e traduções e (iv) as críticas literárias. O veículo cumpre importante função documental no âmbito da poesia portuguesa

contemporânea. Dos seus 40 números, 19 – quase a metade - homenageiam a obra poética de autores eleitos como temas e um é dedicado ao crítico Eduardo Lourenço. São lembrados poetas que pertencem ao cânone - como os incontornáveis Camões e Jorge de Sena -, poetas ainda pouco estudados – como Irene Lisboa – e poetas de extrema relevância no âmbito da poesia portuguesa, que ainda em vida chegaram a contribuir com textos e poemas para a revista e foram devidamente celebrados, como Herberto Helder e Eugénio de Andrade. Nesse sentido, a *Relâmpago* opera como agente de circulação de olhares contemporâneos sobre elementos cristalizados na poesia portuguesa, de deslocamento de noções históricas e de recuperação de obras de autores que não tiveram a devida atenção da crítica. A amplitude das discussões suscitadas pela *Relâmpago* é notável. Dedicar uma edição a um gênero lírico que remonta aos primórdios da poesia, como a elegia, promove um deslocamento para a contemporaneidade. A preocupação em posicionar a poesia portuguesa num lugar próximo ao ensino, questionar sua relação com temas cotidianos como dinheiro, a cidade e a morte, propor uma reflexão sobre o processo da criação poética em si e a difícil tarefa da sua tradução são alguns exemplos de como a *Relâmpago* escolhe falar de poesia.

Os autores e sujeitos poéticos em debate são majoritariamente portugueses, mas não exclusivamente. Além do número dedicado à poesia brasileira, diversos autores nacionais colaboram na *Relâmpago*. António Cícero, Cleonice Berardinelli, Luís Maffei, Eucanaã Ferraz, Silviano Santiago, Heloísa Buarque de Hollanda, Armando Freitas Filho, entre outros, figuram publicando ensaios, poemas, crítica e tem suas obras criticadas pela revista.

CONCLUSÕES:

Ao término deste período em que finalizamos a análise e catalogação da primeira revista em nossa lista de publicações sobre poesia portuguesa contemporânea, compreendemos que a *Relâmpago*, em seus 21 anos de existência, dedicou grande parte de suas edições à construção de um mapa poético de Portugal. Os sujeitos selecionados como temas e as discussões poéticas suscitadas possuem relevância histórica, política e artística, seja na forma documental, seja nas provocações poéticas relacionadas à vida contemporânea.

A revista é um canal aberto entre poetas e poéticas de Brasil e Portugal, contando com relevante colaboração brasileira, além de veicular a produção poética de autores que não escrevem em língua portuguesa, em poemas traduzidos. A

disseminação da publicação, que conta com colaboradores de renome e apresenta rico material para estudo e circulação de poesia portuguesa contemporânea, ainda esbarra no caráter hermético de sua realização e distribuição. O formato de contribuição com textos elaborados por autores convidados, a dificuldade de aquisição dos volumes – vendidos apenas em Portugal – e a disponibilização de apenas alguns poucos textos no website da revista limitam ainda mais um público leitor que, por si só já se apresenta como universo bem reduzido.

Constatamos que a *Relâmpago*, criada em cumprimento ao testamento do poeta Luís Miguel Nava, que conta com belo e rico projeto gráfico e poderia ser facilmente tomada por um livro, é publicação de relevância e necessária à circulação da poesia portuguesa contemporânea, mas ainda precisa ampliar seu público leitor, e ser descoberta, divulgada e lida.

AGRADECIMENTOS:

Todas as atividades relacionadas à pesquisa, desde antes do efetivo início em agosto de 2017, como a participação como ouvinte das aulas da pós-graduação "Poéticas da modernidade: poetas portugueses em revista", a leitura dos textos teóricos

sugeridos pela professora orientadora e os fichamentos e catalogações dos números da Relâmpago tiveram grande importância na minha formação acadêmica. Além disso, a possibilidade de ter contato com textos que normalmente não leria nessa altura do curso de graduação me impactaram de tal forma que adquiri mais interesse pela Literatura Portuguesa do que pela minha escolha de curso original: o Inglês. Numa viagem recente a Portugal, percebi que minha visão de paisagens, personagens históricos e da vida urbana das cidades havia sido intensamente tocada pelo conteúdo dos textos teóricos e poemas que li desde o início da minha participação na pesquisa. As leituras feitas até o momento também foram de grande ajuda em outras disciplinas da graduação e para a minha formação em Letras. A experiência do trabalho de pesquisa me fez ter certeza de que percorrerei a trajetória acadêmica como caminho profissional. Por isso, meus agradecimentos vão para a UFF/CNPq pelo desenvolvimento do PROGRAMA PIBIC e a oportunidade de ter recebido essa bolsa de pesquisa ainda na graduação; à minha orientadora, Profa. Ida Alves, que guiou meu caminho de pesquisa, facilitando materiais de estudo, incentivando nossa reflexão crítica e desenvolvimento redacional. Também agradeço aos meus colegas de pesquisa, como Nathalia Primo (voluntária), que dialogou

constantemente comigo nos trajetos da pesquisa.

Infelizmente não poderei dar continuidade à pesquisa junto com a Professora Orientadora a partir do segundo semestre de 2018 /primeiro semestre de 2019 (pela nova seleção PIBIC a que havia me candidatado também e sido aprovada), uma vez que fui selecionada para uma vaga para intercâmbio na Universidade de Berna, na Suíça, onde ficarei pelo próximo semestre, mas sou muito grata pela oportunidade de ter conhecido mais da Literatura Portuguesa, ultrapassando o conhecimento restrito ao programa obrigatório dos dois períodos da disciplina no meu plano de estudos.



Linguística

Os *Glossaria Linguarum Brasiliensium* na Historiografia da Linguística

Tháisa Regly de Moura Souza

FAPERJ

INTRODUÇÃO:

Glossaria Linguarum Brasiliensium (Glossários das Línguas Brasileiras) de 1863, publicado como segundo volume de uma série de estudos intitulado *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens* (Contribuições para a Etnografia e a Filologia da América, especialmente do Brasil), sendo o primeiro volume intitulado *Zur Ethnographie* (Sobre Etnografia), de autoria do naturalista bávaro Carl F. P. von Martius (1794 - 1868), que acompanhou uma expedição científica ao Brasil às vésperas da Independência, entre os anos de 1817 e 1820, foi publicada de forma multilingual, nos idiomas latino, alemão, português e diversos indígenas, e constitui-se de um estudo lexical no qual há a descrição de 109 línguas (ou dialetos) indígenas do Brasil no início do século XIX. Analisaremos a obra como participante de um amplo contexto intercultural que envolvia tanto o Império do Brasil, quanto outros atores internacionais, como o Reino da Baviera e os círculos científicos da época, sendo também este tema vinculado à História da Ciência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Foi no contexto da vinda da então princesa Leopoldina de Habsburgo ao Brasil para seu casamento com o futuro imperador Dom Pedro I que os botânicos Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868) e Johann Baptist von Spix (1781 – 1826) receberam a incumbência de juntar-se à Missão Austro-Alemã, que desbravou território imperial de 1817 a 1820, rendendo diversas obras de imediato sucesso e reconhecimento no meio acadêmico, e que, até hoje, servem como fontes de diversos estudos.

Foi solicitado pela Real Academia de Ciências que os cientistas não se atentassem apenas aos estudos botânicos, mas também a praticamente qualquer novo fator que encontrasse, o que envolvia as áreas de geologia, física, história e estudos culturais e da linguagem. Apesar do enorme leque de exigências, von Martius demonstrou um desempenho meritório, inclusive no que diz respeito ao material produzido referente aos estudos da linguística dos povos autóctones. Na elaboração de tal conteúdo, o botânico se viu próximo aos mais notáveis linguistas de tradição germânica na época: Wilhelm von Humboldt (1765 – 1835), que impulsionou os estudos comparativos das línguas, a fim do estabelecimento de relações históricas entre povos, e Jacob Grimm (1785 – 1863), tido por von Martius como quem lhe deu os paradigmas dos processos analíticos da língua.

A partir de tais influências e da expedição de três anos pelo Brasil, nasceu, de maior magnitude, os *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863 – 1867), que reuniu mais de uma centena de dialetos (ou línguas) indígenas, no intuito de promover um estudo lexical comparativo entre as mesmas. Todavia, o fato do naturalista bávaro ressaltar não a relevância de um historiador ou de um botânico como ele próprio, mas sim de um linguista para investigar a fundo a história indígena a partir da herdade que é a sua língua já aponta para nós o esclarecimento de von Martius quanto ao processo de investigação das línguas dos povos nativos brasileiros.

CONCLUSÕES:

É ainda bastante recente a comemoração do bicentenário da Missão Austro-Alemã, que trouxe Carl Friedrich Phillip von Martius ao Brasil na importante incumbência de coletar e catalogar o máximo de informações nativas nos

seus três anos de jornada em terras tupiniquins, sendo os *Glossaria Linguarum Brasiliensium* dedicado exclusivamente à exposição do léxico de mais de uma centena de dialetos indígenas, ao acreditar que este seria de suma importância ao estudo histórico-cultural dos povos indígenas. Deve-se ressaltar aqui o valor do estudo das línguas indígenas por se tratarem de povos ágrafos, com uma relação substancialmente íntima e prezada à fala e sua herança.

Não é de forma alguma uma surpresa, mas é necessário frisar o tamanho da importância da obra de Martius para os Estudos de Linguagem no Brasil, inclusive até os dias atuais, visto principalmente que idiomas retratados por Carl von Martius continuam vivos e resistindo às imposições linguísticas e culturais dos não-indígenas. A partir deste ponto, os *Glossaria Linguarum Brasiliensium* funciona também como uma significativa ferramenta de estudos para a valorização e reconhecimento dos povos indígenas, tanto por parte dos órgãos políticos como do resto da população que, mesmo mais de um século e meio após a publicação da obra e apelos do cientista no que vale à reconhecimento dos povos indígenas e sua multiculturalidade, ainda se encontram longe – porém não impossibilitados – de finalmente dar a devida importância aos povos que verdadeiramente fundaram esta nação.

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente aos meus pais e meus familiares, por serem grandes incentivadores e deleitadores do meu desenvolvimento intelectual desde pequena.

Ao meu noivo, por aguentar tantas crises e inseguranças minhas e sempre me fazer ver à frente e me ajudar, também por me dar os melhores apelidos que um estudante de Letras poderia sonhar em ter.

Ao meu orientador, por basicamente ascender ao estado de Buda ao aturar meus altos e baixos e diversos desvios com tanta seriedade. Juro que, quando crescer, quero ser 1% do que você é.

À minha irmã, por – á vezes – entender que sou muito mais funcional em desktop do que em notebook.

À Lila e Luna, por serem meu absoluto conforto em qualquer momento, principalmente nas

infinitas horas quebrando cabeça no teclado do computador.

À UFF e seus maravilhosos docentes e diversos outros funcionários que tornam as tantas horas passadas na faculdade prazerosas.

À FAPERJ, por fornecer fundos e estimular esta pesquisa.

E, mais do que tudo, gostaria de agradecer ao Governo do Estado do Rio de Janeiro e ao Ministério da Cultura por – ainda – não deixar queimar – literal e alegoricamente falando – o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), a Biblioteca Nacional e a Biblioteca do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, para que pesquisadores possam suceder ou começar a realizar o seu trabalho de continuar a carregar a tocha do conhecimento científico no Brasil, e que os brasileiros possam contemplar o seu passado por meio dos remanescentes ainda vivos da História, e não meras reproduções virtuais destes.

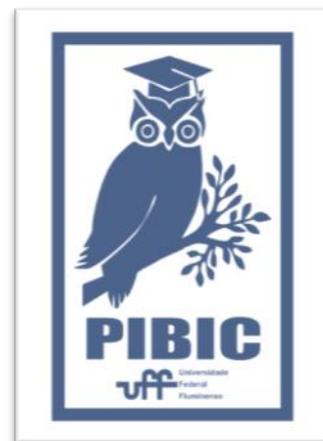


Figure 1: Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

Análise Funcional das Construções Agentivas da Passiva

Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz / Ivo da Costa do Rosário

Letras Clássicas e Vernáculas/ Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações

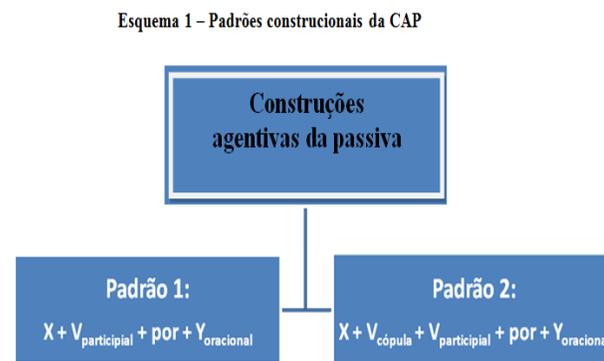
INTRODUÇÃO:

Este trabalho visa a discutir as propriedades sintático-semânticas das construções agentivas da passiva (doravante CAP), pelo viés teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2015), Rosário e Oliveira (2016), dentre outros. As CAP são formadas por uma oração matriz (OM) e uma subordinada substantiva/completiva com função de agente da passiva (OFAP). Normalmente as OFAP são desconsideradas pelos gramáticos tradicionais. Quando são abordadas, apontam-se propostas distintas de classificação no interior dos três tipos clássicos de subordinação (entre as adjetivas, as adverbiais e as substantivas). A investigação proposta parte de uma análise da função do agente da passiva no período simples e vai até o seu emprego oracional. A partir de *corpus* de língua real (*Corpus do Português*, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>), reunimos um total de 100 (cem) dados de CAP, considerando que nosso interesse estava tanto na OM como na OFAP propriamente dita. Os dados coletados foram organizados em quatro *types* construcionais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O exame das OFAP nas gramáticas revelou que essas orações são normalmente tratadas como um apêndice, quando não são totalmente ignoradas. Nossa hipótese é de que isso se deve ao fato de as OFAP terem uma configuração não prototípica ou marginal dentro da subordinação, haja vista, por exemplo, a não existência de conjunção integrante em sua constituição morfossintática. Os problemas avolumam-se quando detectamos que, tanto no

período simples quanto no período composto, há falta de consenso sobre a natureza do agente da passiva (para alguns, um termo argumental; para outros, não). Há também dissensos com relação à categorização do pronome que introduz a OFAP, além de imprecisões com relação ao participio (ora de caráter mais nominal, ora mais verbal). A análise sistemática dos dados permitiu a construção da seguinte rede construcional das CAP:



Esses dois padrões construcionais subdividem-se em quatro *types* construcionais, que apresentamos abaixo, acompanhados de sua frequência de ocorrência, no *corpus*:

Tabela 1 – Types construcionais das CAP

Padrões	Types	Indefinidos	Ocorrências
2.1	X+V _{cópula} V _{participial} por + Y _{oracional} .	Quem	53
1.1	X+ V _{participial} por + Y _{oracional} .		30
1.2	X+ V _{participial} por + Y _{oracional} .	Quantos	11
2.2.	X+ V _{cópula} V _{participial} por + Y _{oracional} .		6
	Total		100

A seguir, apresentamos um dado de cada *type*, acompanhado de um breve comentário explicativo:

(01) No entendimento dos procuradores e do magistrado, a sociedade não deve arcar com o ônus econômico causados por [quem comete atos ilícitos.] “O INSS e a coletividade não podem arcar com o custo da pensão por morte.”¹

Ao analisar o primeiro dado, podemos averiguar que a OFAP foi condicionada pela forma participial *causados*, que, combinada com a preposição *por*, na OM, enseja o uso da OFAP. Não há verbo de cópula. No plano discursivo-pragmático, o pronome *quem* viabiliza uma indeterminação do agente, que neutraliza desinências de gênero e número, o que ajuda a engendrar a ideia de generalização em textos com propósitos persuasivos mais abrangentes. Esse é o *type* 1.1. Vejamos o próximo dado:

(02) Desobrigam-se de encontrar manifestações de descontentamento, organizadas por [quantos não mais se conformam com as más condições das pistas.] Para fugir a críticas, melhor passar ao largo.²

O que diferencia o dado (02) para que ele seja definido como outro *type* é que a OFAP é introduzida por um pronome indefinido *quantos*. No plano discursivo-pragmático, esse quantificador agrupa um número não especificado na OFAP. Essa estratégia é utilizada em textos argumentativos com fortes propósitos também persuasivos. Já o padrão 2, apresenta verbo de cópula, como podemos observar nos próximos dois *types* construcionais atestados no *corpus*:

(03) Consultas desse tipo só podem ser feitas por [quem detém um CNPJ.] A ideia é dar maior segurança aos empresários e lojistas na hora de efetuar uma venda..³

O dado (03) representa o *type* 2.1, pois a OFAP é introduzida pelo pronome indefinido *quem*. Como é característico do padrão 2, a OM é composta de verbo de cópula e um verbo participial (V_{cópula} V_{participial}). Esse dado distingue-se do *type* seguinte (2.2.), pelo uso do indefinido *quantos*:

(04) Nesse sentido, peca por tardia e, naturalmente, nestes quarenta anos já foi lida por [quantos a quiseram encontrar.]⁴

Esse dado (04) encerra, de modo muito breve, a apresentação dos quatro *types* construcionais efetivamente atestados em nosso *corpus* de pesquisa.

CONCLUSÕES:

Para trabalhar de forma mais consistente com as CAP, tivemos de aprofundar pontos que não são abordados satisfatoriamente nas gramáticas. Por meio da pesquisa, foi possível postular quatro *types* construcionais para as CAP, levando em consideração tanto a OM como a OFAP propriamente dita. Por esse motivo, vale destacar que essa é uma abordagem inovadora. A análise de cada tipo de CAP também permitiu algumas incursões no plano semântico-pragmático, com vistas à observação de seu valor no uso efetivo da língua. A pesquisa ainda investigou a questão da opcionalidade do complemento agentivo, a natureza do participio empregado nas CAP (se verbal, se nominal), além de outras questões diretamente associadas a essas construções.

Agradecimentos:

A Deus, pelo meu bem mais precioso: a vida. À Virgem Santíssima, pelos incalculáveis benefícios que recebo de suas mãos maternais. Aos meus familiares, em especial, ao meu pai (*em memória*) e à minha mãe, por terem me gerado, apesar de todas as adversidades, e à minha irmã por ter me feito compreender o incomensurável valor do sacrifício. Ao meu namorado Gabriel, por ser meu porto seguro, com todo o seu fervor e firmeza. Ao

¹ <http://www.bahianoticias.com.br/justica/noticia/46984-homem-que-assassinou-ex-mulher-e-condenado-a-ressarcir-previdencia.html>

² <http://montesclaros.com/mural/cronistas.asp?cronista=Web%20Outros>

³ <http://www.bandsc.com.br/canais/materia-view.html?id=17460>

⁴ <http://todomundoempalco.blogspot.com.br/2008/04/o-espa-o-vazio-um-livro-obrigatorio-para.html>

meu orientador, Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário,
pela orientação segura e por tornar a Academia um
lugar agradável para que eu pudesse estudar e me
aperfeiçoar. Aos membros dos grupos de pesquisa
CCO e do D & G.



Linguística, Letras e Artes

Os Mestres Pedagogos dos Anos Sessenta: O Teatro-Ritual de Jerzy Grotowski, Peter Brook, Eugenio Barba.

Lucas Rodrigues de Souza

**Departamento de Arte /Instituto de Artes e Comunicação Social
/Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea**

INTRODUÇÃO:

O presente artigo discorre sobre o projeto de iniciação científica intitulado “*Os Mestres Pedagogos dos Anos Sessenta: O Teatro-Ritual de Jerzy Grotowski, Peter Brook, Eugenio Barba*” onde o objetivo é fazer uma investigação desses teatros, focalizando na questão da arte do ator ou do homem em questão de representação – e de como esses mestres pedagogos foram responsáveis pela mudança de paradigma no fazer teatral, ou seja, no rompimento da ideia do teatro como representação. Esse relatório também é acompanhado por um trabalho de campo, ainda em andamento com o Grupo de Pesquisa da Prof^a Dra. Martha Ribeiro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea (LCICC-UFF), da Universidade Federal Fluminense, se configura como espaço laboratorial de pesquisa prática e teórica da cena teatral contemporânea. No início de abril do ano de 2017, especificamente no dia cinco do mês, deu-se início a pesquisa laboratorial “*Retratos e Paisagens em Gertrude Stein*” sobre a coordenação da professora e diretora teatral Martha de Mello Ribeiro. A parte teórica da pesquisa iniciou-se com a leitura de “*A Porta Aberta*” do diretor Peter Brook, fundador e coordenador do Centro Internacional de Pesquisa Teatral, em

Paris, no Bouffe Du Nord¹. O livro contém três artigos do Brook advindos de palestras e oficinas ministradas pelo mesmo, transcritos. O interessante do livro, para um graduando de Antropologia, pesquisador das artes cênicas e *performer* residente do LCICC-UFF é poder observar como um grupo heterogêneo, como o coordenado pelo Brook dentro do Centro Internacional, organiza-se, trazendo em seus corpos experiências outras, tradições, elementos advindos de outras culturas e introduzindo-os dentro dos gestos teatrais do teatro Ocidental.

Para Martha Ribeiro o contato de Brook com a tradição dos *griots* é um elemento fundamental para o entendimento do diretor sobre “*A Tempestade*”, de Shakespeare. A questão dos *griots* nos coloca a figura do ator-narrador dentro do teatro de Brook, sendo ele o grande mestre desse teatro, é ele que “com meios simples alcança uma comunicação imediata com o público”

¹ Martha de Mello Ribeiro em seu artigo “Battlefield ou a conversa-dança em volta do fogo: o “teatro de menos” de Peter Brook”, contempla-nos com a descrição do “místico teatro Bouffes du Nord” (RIBEIRO, 2017, p. 94). A diretora teatral narra em seu texto a empreitada que fizera para se chegar ao mesmo “O teatro está localizado no Boulevard de la Chapelle, longe dos bairros famosos, e fica quase escondido. Cheguei pela Gare du Nord, me perdi em uma das suas saídas, e fui parar muito longe, quase ao final do Boulevard, que fica embaixo de um feio viaduto, tendo que voltar todo ele a pé” (RIBEIRO, 2017, p. 98).

(RIBEIRO, 2017, p. 106). Assim como a diretora faz o mesmo movimento de alcance de comunicação imediata com o público com o que chama de depoimentos, quando os *performers* do espetáculo “*Eu Sou Eu Porque Meu Cachorrinho Me Conhece*” (2017) vão ao microfone relatar algo.

O que Barba trabalha em sua Antropologia Teatral é o treinamento do ator dentro de um teatro laboratório – algo que Martha Ribeiro evoca no fim de seu artigo intitulado “*Estética do performativo ou o fim do teatro de pesquisa dos grandes mestres pedagogos? Eugenio Barba, Presente!*” e esse teatro laboratório é focado no trabalho do ator, no “estudo do comportamento pré-expressivo do ser humano em situação de representação organizada” (BARBA, 1994, p. 24). Pensar em teatro laboratório junto a Barba é pensar em um teatro responsável pela reviravolta performativa do teatro, como nos aponta a autora em seu artigo: “Enquanto o teatro dos mestres pedagogos como Barba, Grotowski, Brook e Vassiliev se fundamentam exclusivamente no trabalho do ator, na busca de um teatro sagrado, ritual, apartado da realidade cotidiana” (RIBEIRO, 2016, p. 66) – aqui travamos também contato com o teatro laboratório de Grotowski, a quem Barba considera um mestre. Pensar teatro laboratório é pensar na sacralidade do teatro, do ritual, é ir ao encontro do ritual para o teatro performativo, por exemplo. Dessa forma também podemos começar a fazer as associações entre o trabalho aqui teórico e a minha prática enquanto *performer* e antropólogo pesquisador do LCICC-UFF.

O artigo “*Teatro e Ritual*” presente no livro “*O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowsky*”, Grotowsky discorre acerca da arte do ator. O autor fala do ritual primitivo e de como ele é parte espontaneidade e parte ordenado. “Só quando a coisa está preparada pode-se evitar o caos” (GROTOWSKY, 2010, p. 131). A atuação para Grotowski é “um ato solene de autoconhecimento coletivo” (FLASKZEN, 2010, p. 87). Existe certa diferença da pedagogia atorial de Grotowski

da biomecânica, já que a mesma exclui da expressão os processos espirituais enquanto Grotowski, ao contrário, reconhece o que é espiritual e corpóreo. Grotowski em seu teatro procura substratos de espontaneidade que estão profundamente escondidos que vão rivalizar com uma falsa racionalização. Podemos relacionar essa procura da espontaneidade de Grotowski com a questão da pré-expressividade, de Barba.

Aproximamos Victor Turner e Grotowski de um modo um tanto conceitual para pensar nessa “encarnação do mito”. Turner em seu já citado artigo discorre sobre a “possibilidade é transformar as partes mais interessantes das etnografias em roteiros de peças de teatro” (TURNER, 2015, p. 128). É o que o Richard Schechner faz em uma sala no andar de cima do *Performing Garage*, um teatro no Soho, em Nova York, onde a companhia de Schechner, o *The Performance Group*, costumava fazer apresentações. Turner integra esse grupo de trabalho onde havia tanto profissionais das artes da cena quando antropólogos trabalhando nesse processo de montagem de uma etnografia. Inicialmente a escolha do grupo era trabalhar com uma etnografia clássica da antropologia, um texto de Malinowski, mas por causa do pouco tempo optaram por *performar* um texto do próprio Turner sobre o povo Ndembu². O interessante aqui é observar o movimento de um antropólogo dentro das artes da cena e de como a interculturalidade faz-se mais do que necessária na pedagogia atorial – e em uma segunda visada de como a teoria antropológica contamina a teatrologia. Podemos pensar aqui uma série de exercícios que orientaram os *performers* do Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea a encontrar esse vão

² Os Ndembu são um povo do Noroeste da Zâmbia (antiga Rodésia do Norte), no centro-sul da África. Os estudos de Turner ancoram-se muito nas análises sobre simbolismo e bruxaria desse povo e sobre relatos descritivos de aspectos rituais.

entre estrutura e espontaneidade, como por exemplo os exercícios criados para a respiração do primeiro fluxo da peça “*Eu Sou Eu Porque Meu Cachorrinho Me Conhece*” (2017), o DNA do artista, já que “toda reação autêntica tem início no interior do corpo” (GROTOWSKI, 2010, p. 172), pensar essa respiração que abre e expande a caixa torácica como uma partitura (a estrutura) e a reação autêntica dos performers como algo mais próximo da espontaneidade corporal. O DNA do performer enquanto fluxo tem ligação com a placenta, morte e vida e o teatro como espaço-tempo da realidade. Ele consiste em todos os *performers* alinhados no fundo do palco com uma música de um coração batendo e os *performers* devem caminhar até chegarem na boca do palco ao fim da música, onde há o gozo, o nascimento e o grito – essa movimentação deve ser feita de modo harmonioso e em grupo, todos devem chegar ao fim da música ao mesmo tempo na boca de cena e realizar esse grito de gozo, de morte. Isso não pode ser cronometrado, deve ser orgânico e não pode ser algo gratuito com uma movimentação corporal suja, como afirmara a diretora teatral Martha Ribeiro em uma das minhas primeiras anotações sobre o fluxo “DNA do performer”.

Sobre a prática ir de encontro a teoria – que é o mote principal desse artigo - podemos apontar novamente montagem de “*A Tempestade*” (1990) que revela uma série de escolhas dos atores, cenógrafa e diretor. Dentro do processo criativo do diretor o que se destaca é a apresentação que o Centro Internacional de Pesquisa Teatral desenvolve dentro de um colégio, quando o espetáculo está tomando forma tudo é abandonado e eles vão para esse local, rodeado de crianças improvisando na hora uma versão da peça. Essa apresentação, segundo Brook, é utilizada para que a história flutue com facilidade e frescor. A apresentação de “*A Tempestade*” (1990) fora feita em um tapete, num espaço mínimo, com os atores improvisando com os objetos encontrados no próprio ambiente. Essa apresentação mostra-se

relevadora, pois é após ela que Brook confirma, de fato, algumas marcações dos atores, movimentações, decide o cenário e etc, mesmo que as invenções que funcionavam numa sala pequena não possam ser aplicadas em um palco, o que nos interessa aqui é essa metodologia de retirar os atores da caixa cênica para reafirmar certos questionamentos formais.

A Antropologia Teatral de Eugenio Barba também advém de um movimento de interculturalidade. O conceito de que diferentes culturas possuem diferentes técnicas corporais vem para reforçar a questão da pré-expressividade. Qual é o princípio *bios* cênico do ator? É a pergunta que se faz Barba. Esse princípio *bios* cênico está relacionado com as técnicas cotidianas, que se relacionam com as formas ditas naturais/culturais do ator, se contrapondo as técnicas extracotidianas que usam o máximo de energia para um resultado mínimo (1994). Uma passagem do texto de Barba me remete a um treinamento realizado no LCICC-UFF, para a montagem do espetáculo “*Eu Sou Eu Porque Meu Cachorrinho Me Conhece*” (2017). Barba faz um questionamento: “será que existe um nível da arte e do ator no qual ele esteja vivo, presente, mas sem representar nem significar nada?” (BARBA, 1994, p. 32).

A diretora teatral do LCICC-UFF afirma que a respiração ela é o ponto de partida para todo e qualquer movimento. A respiração funciona como uma ponte que ativa as potências adormecidas ou atrofiadas do corpo – e “aprender a usar a respiração como um canal de passagem para o aflorar das potências que irão esculpir o corpo do ator refazendo esse corpo de forma ativa é consciente” é o ponto de partida da prática atorial do LCICC-UFF. Ribeiro reporta-se a Antonin Artaud em “*O Teatro e Seu Duplo*” especialmente o “*Atletismo Afetivo*” para tratar da questão da respiração. O ator, para Artaud, possui dois corpos, o material e o virtual sendo o virtual o corpo dos afetos. A respiração é a ponte que liga esses dois corpos, obtendo assim um corpo vivo e em permanente atualização, mas

sem permanecer cristalizado ou encerrado em uma forma (2017). “A ideia de Artaud era refazer, a partir da respiração um corpo que fosse capaz de acusar, com sua resplandecente vida, toda a ilusão do corpo-fantoches de Deus”.

Não podemos falar no conceito de interculturalidade sem falar em Patrice Pavis e seu “*O Teatro no Cruzamento de Fronteiras*”. O primeiro capítulo do livro intitulado “*Para uma Teoria de Cultura e de Encenação*” afirma que o seu livro tem como objetivo “o cruzamento de culturas no trabalho teatral contemporâneo” (PAVIS, 2008, p. 01). Esse cruzamento é realizado por discursos que causam um efeito artístico de estranhamento, sendo um lugar incerto; o lugar do Teatro de Culturas, substituindo o Teatro de Arte, o do modelo clássico, dramático e historicizante. Para Pavis a encenação teatral contemporânea é o local em que o cruzamento de culturas e seu mais rigoroso laboratório de experimentação faz-se morada - sendo ela quem interroga todos esses modelos de representação das culturas: ela coloca um ver e um entender sobre as mesmas, as avalia e apropria-se delas por meio da aprovação no espaço cênico e do público. O autor levanta um questionamento que faz-se caro tanto para o teatro pós-dramático, usando aqui a conceituação de Lehmann, tanto para a tradição antropológica: pode uma visão puramente estética e consumista das culturas dispensar teorias socioeconômicas e antropológicas (2008)? Colocar o Pavis aqui é para pensar em como o teatro contemporâneo apropria-se do saber antropológico sem jogá-lo contra toda uma semiologia cênica de um teatro pensado a partir da imagem e do som - utilizando-se aqui as palavras da escritora modernista Gertrude Stein, citada pela diretora teatral Martha Ribeiro em um dos seus artigos do processo de montagem de “*Mas Afinal, Quantos Somos Nós*” (2014), do LCICC – UFF.

O que fora aqui explicitado em todo artigo dialoga e muito com a transferência cultural. Todos os mestres pedagogos aqui

explicitados e evidenciados reportam-se a culturas outras e as embaralham com suas próprias vivências ocidentais europeias para dar forma a arte atorial. E essa transferência cultural não apresenta um escoamento automático - ou seja, uma apropriação automática, rápida e sem reflexão, como observamos em Brook com os *griots* e as apropriações de Barba sobre o treinamento atorial oriental. E ela é comandada pela cultura-alvo que procura na cultura-fonte aquilo que necessita para responder a necessidades concretas. Apropriar-se de uma cultura outra nunca se faz de forma definitiva. A metáfora da amulheta utilizada por Pavis é pertinente pois a mesma é feita para ser virada. Então, assim, o autor questiona-se de que forma o utilizador de uma cultura estrangeira poderia comunicar a sua própria cultura para a outra que se apropria. Ou algo mais simples: como projetamos nossas próprias categorias nas categorias nativas de uma cultura-fonte, por exemplo. Valendo-se das “técnicas do corpo” de Marcel Mauss, Pavis aproxima-se da pré-expressividade da qual fala Barba quando discorre que o corpo do ator, nos ensaios ou na representação é penetrado pela sua própria cultura, de uma tradição cênica ou de uma aculturação. A pedagogia atorial passa por um processo de enculturação, consciente ou inconsciente, principalmente na fase preparatória da encenação – e é esse processo que faz com que o ator assimile tradições e técnicas.

CONCLUSÕES:

Os ensaios e treinamentos do Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea (LCICC – UFF) coordenado pela professora e diretora teatral Martha Ribeiro contaminam-se de modo antropofágico com a teoria dos mestres pedagogos aqui explicitadas. O LCICC-UFF não trabalha com um espelhamento ou herança da teoria desses mestres, mas sim com a antropofagia ideológica e estética que acredita-se ser vital para o treinamento e pedagogia atorial.

Acreditamos que com essa pesquisa criamos um quadro para futuros desdobramentos que envolvam a arte do ator desenvolvida pelos mestres pedagogos dos anos sessenta e a visada antropológica e autoetnográfica tendo o meu treinamento e trabalho de campo de mais de um ano realizado no LCICC-UFF como base dessa pesquisa. Essa pesquisa coloca-se como um pontapé inicial da relação que pode ser estabelecida entre Antropologia e Teatro, campos que se retroalimentam e que, infelizmente, são pouco explorados dentro da graduação de Antropologia – travar esse diálogo para esse pesquisador, antropólogo, *performer* é de suma importância, já que meu próprio trabalho de conclusão do curso de Antropologia nasce dessa iniciação científica e da pesquisa laboratorial e teórica que desenvolvo com o Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea há quase dois anos, agora debruçando-se sobre o processo de montagem da peça “AmorNRecomendado”, da diretora teatral, artista e professora Martha Ribeiro.

Agradecimentos: Agradeço em primeiro lugar a Universidade Federal Fluminense e ao CNPq por terem me possibilitado esse primeiro ano de pesquisa de iniciação científica. Ao Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a diretora teatral, professora e artista Martha Ribeiro por ter acolhido de forma tão afetuosa e profissional esse antropólogo-performer interessado pela teatrologia, os meus mais sinceros obrigados por me acompanhar nesse trajeto, por confiar no meu trabalho como pesquisador e por ser tão atenciosa e gentil. Agradeço também a todos os performers residentes que passaram pelo LCICC-UFF nesse primeiro ano, toda a produção e equipe que sempre me abraçaram tão bem. Por último, mas não menos importante, agradeço a minha família e amigos por me acompanharem até aqui – e um agradecimento afetuoso aos lindos do Guilherme Gaião e do Adriel

Portes, que também, de alguma forma, souberam me guiar.

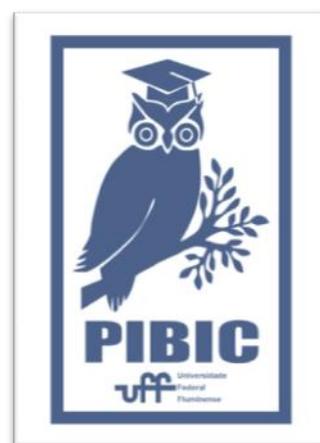


Figure 1: Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

Arquivos da Língua: Alencar

Raphael Mendes da Silva

Vanise Gomes de Medeiros (Orientadora)

GCL / Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF)

INTRODUÇÃO:

O século XIX constitui-se como um período importante para o entendimento da historicidade da língua em solo brasileiro, pois se trata do momento de gramatização brasileira do português. Articulando os campos teóricos da História das Ideias Linguísticas (Auroux/Orlandi) e o da Análise do Discurso (Pêcheux/Orlandi) e partindo do pressuposto de que "a produção de saberes sobre a língua pelo escritor afeta o imaginário de língua" (Medeiros, 2015), o presente projeto, iniciado em julho de 2018, intitulado *Arquivos da língua: Alencar*, orientado pela Prof.^a Dr.^a Vanise Gomes de Medeiros, pretende dar continuidade ao projeto *Arquivos da língua: Taunay*, de Iniciação Científica (PIBIC), finalizado em julho de 2018, por Wellington de Sousa. Ambos projetos estão inscritos em um projeto maior de pesquisa intitulado "*Na captura da língua pelo escritor, as pegadas do sujeito*" (CNPq), que "consiste na montagem de um arquivo de língua a partir das notas (que se constituem como glossários)" de romances escritos no séc XIX. O projeto anterior focalizava as obras de Visconde de Taunay, já este, atual, volta-se para os escritos de José de Alencar, em especial os romances *Iracema* e *O Guarani*. Visando a montagem de um arquivo de língua a partir das notas. Tal arquivo irá permitir estudos sobre a língua neste período bem como possibilitará uma reflexão sobre o

lugar do escritor na gramatização da língua em solo brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O projeto encontra-se em sua fase inicial de leituras teóricas e de investigação em arquivos. Embora se centre em Alencar, outros autores do século XIX já foram investigados, como é o caso de Domingos José Nogueira de Araripe Júnior, Gonçalves Dias, D. Narcisa de Villar. Neles se encontram notas produzidas pelo escritor e o levantamento de tais notas servirá para um estudo comparativo com as notas de Alencar. Cumpre salientar que, dispostos basicamente em notas de rodapé, os verbetes irão servir de material para a composição de um extenso arquivo de língua, o que possibilitará iluminar os estudos lexicográficos empreendidos pelo autor bem como compreender o exaustivo trabalho de captura e análise empreendido pelo escritor. Importa lembrar que se trata de material pouco explorado no âmbito linguístico.

CONCLUSÕES:

Como o projeto teve início em agosto, não há conclusões. Cabe informar, contudo, que estou participando como aluno graduando e como monitor de um evento organizado *Por um Arquivo de Língua*, organizado pela orientadora. Tal evento, decorrente do projeto FAPERJ (Arquivos de língua: intervenções e polêmicas), se compõe de um

minicurso ministrado em módulos por 16 professores de universidades brasileiras e uma internacional, com carga horária de 30 horas durante a semana de 24 a 28 de setembro. Por fim, tenho participado do grupo de estudos sob a coordenação da professora Vanise Medeiros e efetuado as leituras que me são indicadas.

Agradecimentos:

Agradeço a oportunidade subsidiada financeiramente pelo CNPq na forma de uma bolsa PIBIC, que me permite um aprofundamento em leituras e conhecimentos que não seriam possíveis sem ela e que, assim, contribui para minha formação. É importante assinalar que sem tal subsídio não seria possível me inserir nesta pesquisa.

Referências bibliográficas:

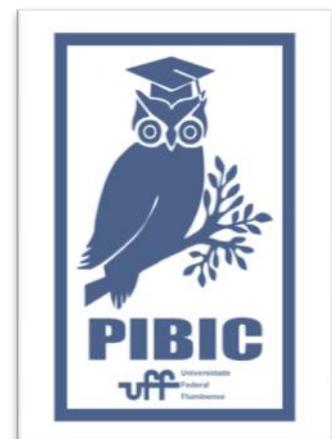
NUNES, J.H. *Dicionários no Brasil: análise e história*, Campinas, SP: Pontes, São Paulo, SP: FAPESP, São José do Rio Preto, SP: PAPERP, 2006.

_____. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Letras*, [S.l.], n. 37, p. 107–124, dez. 2013. ISSN 2176-1485.

MEDEIROS, V. Cartografias das línguas: Glossários para livros de literatura. *Alfa*, São Paulo, v.60, n.1, p.79-93, 2016.

_____. Na captura da língua pelo escritor, as pegadas do sujeito (Projeto CNPq, 2015-2018)

ORLANDI, Eni P. *Língua e conhecimento lingüístico; para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.





Linguística, Letras e Artes

As imagens de Dilma Rousseff em capas de jornal: informação e captação em manchetes, fotografias e legendas em torno do *impeachment*

Autores: Daniela Abreu e Nadja Pattresi

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC) /

Instituto de Letras (EGL)

INTRODUÇÃO:

O projeto intitulado “As imagens de Dilma Rousseff em capas de jornal: informação e captação em manchetes, fotografias e legendas em torno do *impeachment*” realizou a análise de capas dos jornais *O Estado de São Paulo* e o *Correio Braziliense*, publicadas durante o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, entre dezembro de 2015 e agosto de 2016. Buscou-se evidenciar as mensagens e efeitos de sentidos gerados por meio da relação verbovisual das imagens, legendas e manchetes contidas nas capas, observando-se de que forma tais elementos contribuíram para a criação de uma imagem da ex-presidente durante o período do *impeachment*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A comparação das capas selecionadas permitiu a observação de elementos recorrentes e também revelou como cada periódico se posicionou ao noticiar os fatos. Em geral, as manchetes em negrito, em caixa alta e em cores fortes representaram a tensão, devido ao período do *impeachment*. As expressões de Dilma nas fotografias demonstravam tensão, nervosismo ou sarcasmo, o que parecia indicar o seu descontentamento e a não conformação em deixar o cargo da presidência.

A construção da imagem de Dilma permitiu que fosse criada, paralelamente, uma imagem de Michel Temer, que

representaria o oposto da ex-presidente, pois o governo dele foi retratado como uma gestão competente e capaz. Ele apareceu constantemente sorrindo, firme em seus discursos, pacífico e otimista em seus gestos e expressões. O governo de autoridade e competência, segundo as capas dos jornais selecionadas, seria o do Temer, retratado em cores frias, que remetem à ordem, inteligência e paz. Já o governo de Dilma foi representado em cores quentes, que tendem a provocar no leitor a sensação de desarmonia, de desaprovação e de um governo falho.

Quanto à escolha lexical para descrever os governos, o contraste também é visível. O nome de Temer apareceu frequentemente seguido de palavras como “promessas”, “medidas”, “união”, “respeito” e de outros termos que representam um governo capaz e honesto. Já as palavras que seguiram o nome da ex-presidente foram “crise”, “erros”, “ataque”, “indignada”, entre outras, o que mostra significativa diferença quanto aos efeitos de sentido produzidos na descrição de seu governo.

Assim, os elementos imagéticos e o léxico utilizados nas capas contribuíram para a construção de uma imagem negativa quanto à ex-presidente Dilma.

Além disso, também foi observado que o *Correio Braziliense* tende a publicar capas mais criativas e simbólicas, enquanto as capas do jornal *O Estado de S. Paulo* mostram-se mais discretas.

CONCLUSÕES:

Após as análises, foi possível concluir que ambos os jornais, apesar de serem jornais de referência, são imbuídos de efeitos de patemização e objetivam a captação de seu público-alvo por meio de diversos recursos não só verbais, como também gráficos, entre os quais se destacam a escolha das tipologias das letras com ou sem serifas, com ou sem negrito, em cores fortes ou mais frias, manchetes em caixa alta etc. Além disso, a escolha das imagens que estampam as capas revela, sobretudo, o posicionamento ideológico e político do jornal. As fotografias selecionadas para representar o cenário político brasileiro e o andamento do processo de *impeachment* são recortes intencionais da realidade que, por meio de recursos técnicos (como luz, sombra, perspectiva, enquadramento, enfoque etc.) geram diversas conotações. Além disso, as expressões faciais retratadas, as cores e o gestual usados como signos bem como outros elementos verbais e visuais são recursos que, juntos, compõem capas com marcas tão expressivas quanto informativas. Assim, fica evidenciado que os elementos visuais das capas de jornal podem gerar sentidos que vão além das interpretações que o texto verbal pode provocar.

Agradecimentos:

Ao programa PIBIC pela aprovação do projeto de pesquisa e à FAPERJ pela concessão da bolsa de Iniciação Científica durante a execução do trabalho.

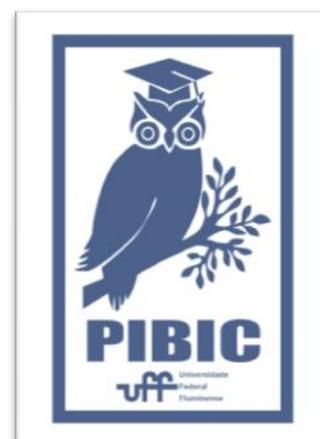


Figure 1: Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

Tradução em Foco: Pensando a Legendagem

Amanda Rojas (bolsista PIBIC UFF) e Giovana Mello (orientadora)

Instituto de Letras/GLE/UFF

INTRODUÇÃO:

O projeto de iniciação científica “Tradução em Foco: Pensando a Legendagem” relaciona-se com a parceria entre o Labestrad/UFF (Laboratório de Estudos da Tradução) e o LAS (Laboratório de Arquivos do Sujeito), tendo sido contemplado pelo edital PIBIC UFF 2018-2019 a partir de agosto de 2018.

Os vídeo-verbetes da *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins* estão sendo legendados para o inglês e os objetivos do projeto envolvem legendar dois vídeo-verbetes e refletir sobre tal processo.

Acabo de realizar minha primeira legenda e este resumo aborda parte da reflexão desenvolvida e desafios encontrados no âmbito do projeto.

A base teórico-metodológica é a dos Estudos da Tradução. Destaco o conceito de *reescrita*, de Lefevere (1992), que considera a tradução como uma manipulação ideologicamente comprometida. A tradução é considerada outra escrita, modelada pelas contingências históricas, sociais e culturais que permeiam o contexto de sua produção. Outros dois conceitos importantes são os de *estrangeirização* – a manutenção das diferenças culturais na tradução, responsáveis por causar o estranhamento no leitor e, portanto, a visibilidade do processo de tradução - e *domesticação* – supressão da diferença pela substituição de elementos estranhos pelo que é conhecido pelo público-receptor. Tais conceitos são propostos por Venuti (1995) a partir de Scheleimacher (1813), e discutem como o critério da fluência apaga um real diálogo intercultural. Outro conceito relevante é o de *patronagem*, de Lefevere (1992), segundo o qual o aceite de uma encomenda/patrocínio implica um alinhamento do tradutor com a ideologia do patrono.

A legendagem é feita para espectadores que não compreendem a língua-fonte de um vídeo.

Segundo Naves (2016), o espectador precisa ser capaz de ler a legenda, olhar para as imagens e ouvir o áudio. Tudo isso, acontecendo em segundos e milésimos de segundos. Logo, há parâmetros, como o número reduzido de caracteres em tela, tempo de permanência da legenda, tempo de fala, velocidade de leitura do espectador, espaço na tela, dentre outros, o que caracteriza a legendagem como processo de síntese, ao mesmo tempo em que demanda criatividade.

Para o projeto, analisamos cada vídeo-verbete e, portanto, a “fala” de cada pesquisador. Uma vez que estamos em um ambiente próprio à reflexão – a academia – propomos a subversão de convenções práticas de legendagem em prol de um diálogo intercultural, daí nossa proposta de domesticar para propiciar a divulgação das pesquisas, mas também o de manter marcas discursivas (como hesitações e reformulações) e sintaxe “estranha” – a estrangeirização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os desafios da proposta residem na compreensão da legendagem como processo complexo, que envolve criatividade e síntese, e na reflexão sobre que caminho seguir para legendar/verter os textos. Dentre os desafios, destaco: i) legendar é traduzir um texto oral em uma língua em texto escrito em outra língua e com limitações de espaço em tela e de tempo de fala; ii) os vídeo-verbetes apresentam um registro acadêmico com marcas de uma apresentação oral (circunlocuções, repetições, autocorreções, etc.); iii) o contexto anglo-americano preconiza, para a escrita científica, a ordem direta, a objetividade e a fluidez; iv) para a AD, a formulação (o modo como se diz), é significativa. Assim, como verter e legendar os vídeo-verbetes para o inglês? Qual o caminho “correto”?

A resposta é: não há. Existem caminhos diversos, de acordo com os objetivos traçados.

Uma das possibilidades é reescrever o texto de modo a priorizar o contexto receptor (do inglês), obedecendo à convenção de fluidez da escrita científica (domesticar), uma vez que o objetivo da *Enciclopédia* é divulgação científica. Outra possibilidade é manter a diferença, marcando o texto como estrangeiro/brasileiro, buscando recriar o modo como cada pesquisador formula seu texto, incluindo intercalações e sintaxe complexa (estrangeirizar). A inteligibilidade das legendas é importante, contudo, uma vez que somos tradutores brasileiros, propomos a versão/legenda como instrumento também de resistência, buscando a visibilidade da tradução, a partir de escolhas lexicais e sintáticas que marcam o texto de chegada (a legenda) como estrangeiro.

Fazemos versão (uma tradução do português para o inglês), logo, propomos a *domesticação* como o ato de reescrever o texto de modo a torná-lo fluente e inteligível para o público receptor de língua inglesa. Já a estrangeirização, em nosso trabalho, consiste em “abrasileirar” o inglês, marcando o texto de chegada como estrangeiro.

Os vídeo-verbetes tratam de uma reflexão do campo da AD, logo, temos estudado e discutido conceitos dessa área e observado o modo como tais conceitos são expressos em textos acadêmicos (o modo de dizer). Para a AD, não há sentido dado, mas um complexo processo de constituição de sentidos (Pêcheux, 1988), no/pelo qual os sentidos e os sujeitos se constituem (Orlandi, 2002). Para a AD o modo como se diz é relevante, daí nossa decisão de também estrangeirizar, recriando parte das intercalações, repetições, etc..

Buscar possíveis correspondências para as terminologias e formas de dizer (refletindo sobre as diferenças de sintaxe, por exemplo), ao mesmo tempo em que consideramos as limitações da legendagem são as maiores dificuldades.

CONCLUSÕES:

Mesmo em fase inicial, destaco o processo de aprendizagem, desde a leitura dos textos teóricos, às discussões e análises em grupo. O trabalho de legendagem aliado à reflexão sobre tal trabalho a partir de nosso recorte teórico vem se mostrando significativo para uma compreensão mais abrangente e menos ingênua da prática tradutória.

Percebo que legendar, além de pesquisa profunda e olhar minucioso, requer imensa

criatividade para dar conta das diferenças culturais e linguísticas, sobretudo em uma modalidade que envolve grandes limitações de tempo e espaço.

AGRADECIMENTOS:

Ao PIBIC UFF pela bolsa e ao LABESTRAD pelo aprendizado.

BIBLIOGRAFIA:

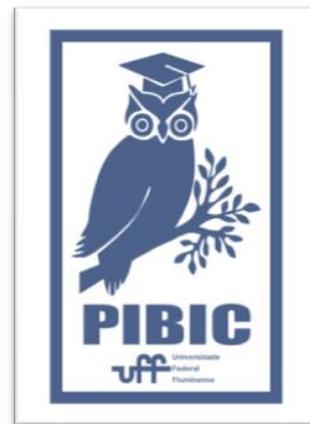
LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting and Manipulation of Literary Fame*. Londres: Routledge, 1992.

NAVES, S. et al. *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis*. Brasília: Minc, 2016.

ORLANDI, E. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. SP: Unicamp, 1988.

VENUTI, L.. *The Translator's Invisibility*. Londres: Routledge, 1995.





Letras

Linguística, Letras e Artes

Análise da tradução de dialetos negros norte-americanos em obras fílmicas

Autores: Discente Diana Ribeiro de Araujo; Profa. Dra. Vanessa Lopes Lourenço Hanes

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas/ Instituto de

INTRODUÇÃO:

Este projeto de pesquisa em andamento tem, com base em alguns estudos de caso, analisado como diferentes dialetos negros dos Estados Unidos são abordados em traduções de obras fílmicas através da dublagem e da legendagem. Para tanto, estão atualmente sendo analisadas as versões em DVD dubladas e legendadas para o português brasileiro de alguns filmes norte-americanos de reconhecido impacto junto às massas nos quais o discurso de personagens negros ocupe lugar de destaque. O estudo considera como bases teórico-metodológicas principais os Estudos Descritivos da Tradução, que objetivam descrever os contextos tradutórios sem juízos de valor com relação à qualidade tradutória em si, e os conhecimentos da área de Sociolinguística, visando problematizar a descrição das possíveis descobertas referentes ao uso da língua. Estudos prévios demonstraram uma tendência à uniformização/homogeneização do discurso dialetal traduzido no Brasil, utilizando-se o português segundo a norma culta, particularmente em obras fílmicas (ver, dentre outros, Hanes, 2011). Porém, o grande desafio da presente proposta tem sido verificar se a mesma abordagem se repete em filmes nos quais o discurso dialetal está intimamente relacionado com a história sendo contada e com seu conteúdo político e ideológico, por conta da representação da negritude. Diante da importância e da correta legitimidade atribuídas por estudos sociolinguísticos mais recentes ao inglês dos negros nos Estados Unidos, pareceu válido investigar como personagens cinematográficos em grande parte definidos pelo seu falar têm sido apresentados ao público brasileiro.

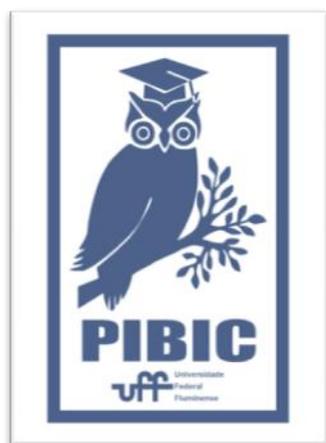
RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Até o momento foram analisadas a dublagem e a legendagem do filme estadunidense *Fences*, lançado no Brasil sob o título *Um limite entre nós*, de 2017. A escolha da obra em questão justifica-se pelo fato de a mesma retratar a conturbada relação familiar de uma família afro-americana, cenário no qual a questão linguística pesquisada seria claramente observável. Ademais, este filme foi aclamado por crítica e público e inclusive indicado a prêmios Oscar, sendo, portanto, um representante de amplo alcance da negritude norte-americana junto às massas. Dezesete ocorrências de uso do dialeto afro-americano da língua inglesa foram selecionadas e tabuladas lado a lado com sua legenda e dublagem em português brasileiro. E o que ficou claro através dos dados levantados foi que não há nada que marque uma forma de falar de um grupo específico, ocorrendo, portanto, o apagamento da questão dialetal em si, o que confirma a hipótese inicial sendo explorada, já sinalizada por estudos prévios. Os dados levantados vão ainda além, revelando uma notória elevação do registro nas legendas, ou seja, a utilização de uma linguagem mais rebuscada do que aquela percebida no discurso original dos personagens. Com relação à dublagem, entretanto, o discurso direto dos personagens parece bem mais próximo do registro oral cotidiano dos falantes de português brasileiro, marcando o registro oral de abrangência geral no Brasil, ainda que o dialeto seja totalmente apagado. Embora em alguns momentos as legendas apresentem expressões mais próximas da simplicidade da oralidade, de modo geral o registro alto é flagrante pelo uso de estruturas gramaticais específicas (a saber, futuro sintético do presente e do pretérito, e orações com sujeito oculto). Foram ainda

observados casos do que poderia ser classificado como um registro misto na mesma ocorrência de legenda, com uma mistura entre o uso da gramática normativa estrita e de marcas de oralidade.

CONCLUSÕES:

O projeto permitiu até aqui a confirmação de sua hipótese inicial com base em estudos anteriores, demonstrando o apagamento do dialeto afro-americano da língua inglesa na tradução dos diálogos de um filme cujo enfoque primordial são questões intimamente atreladas à negritude dos personagens. E os resultados parciais permitiram ainda ir além, servindo para demonstrar uma clara elevação no registro do discurso representado nas legendas analisadas, elevação esta não observada na dublagem da obra fílmica considerada. Estes achados vêm ao encontro de debates atuais acerca da dicotomia entre o português que se fala e se escreve no Brasil. Os dados a serem levantados nas obras fílmicas a serem ainda analisadas serão de imensa valia para o reforço da hipótese inicial do estudo acerca do apagamento das ocorrências dialetais mesmo em enredos nos quais o ser negro é de essencial importância, e também poderão levar a uma confirmação em maior escala da já observada dicotomia entre a língua adotada para legendagem e dublagem.





Grande área do conhecimento: Linguística Letras e Artes

Título: A variedade (neo) autóctone da língua pomerana no Espírito Santo: questões de pluricentrismo linguístico

Bolsistas: Nathália Barbosa Jeronimo; Camila Meirelles

**Instituto de Letras / Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
GLE / Setor de Língua e Literatura Alemã**

INTRODUÇÃO:

o Espírito Santo é um estado de relevante diversidade linguística, onde são identificadas variedades de línguas europeias, africanas e indígenas. Para este estudo selecionamos como *locus* o município de Santa Maria de Jetibá (SMJ), reconhecido como o município “mais pomerano” do estado. Em SMJ a marca da presença germânica é fortemente reconhecida não somente na língua como também na arquitetura e na atuação religiosa. Os objetivos iniciais do estudo são: Identificar os traços de etnicidade e identidade linguística (neo) autóctone, a partir do uso funcional da variedade pomerana em Comunidades de Prática de Redes Sociais dos imigrantes pomeranos de SMJ. Como objetivos específicos propomos: a) identificar até que ponto alguns efeitos próprios do Contato Linguístico, tais como *code-mixing*; *code-switching* e *language shift* resultam em processos de assimilação e/ou aculturação linguística no uso linguístico funcional do pomerano no locus da pesquisa; b) discutir o conceito de autoctonia, etnicidade e identidade linguística no uso funcional do pomerano, como uma variedade (neo) autóctone. Para o

desenvolvimento do projeto usamos do referencial teórico da sociolinguística do contato, da qual também utilizamos o referencial metodológico para realizar a pesquisa de campo, que se caracteriza como um estudo qualitativo que teve observação de campo, entrevista e questionário como instrumentos de investigação. O questionário elaborado procurou identificar: a) informações sociodemográficas; b) conhecimentos linguísticos, c) aquisição e competência linguística em Pomerano, Língua Portuguesa e outras variedades; d) uso e domínio da (s) língua (s) por ambientes comunicativos: família, sociedade, escola, trabalho; e) uso da(s) línguas em retrospectiva nos mesmos ambientes; f) atitudes sobre a(s) língua (s); atuação na(s) Rede(s) e por fim, contou ainda com uma narrativa livre. Durante visita as duas comunidades identificadas como sendo as Redes Sociais da pesquisa, deixamos os questionários com os âncoras das duas famílias que compunham as comunidades de prática identificadas: Alto Santa Maria e Alto São Luis. Além de outras duas famílias que visitamos uma de uma senhora com 93 anos, considerada a vizinha do local e outra de duas famílias de produtores rurais, além de uma escola de campo,

onde as crianças passam uma semana na escola e a outra em casa para aplicar em casa / no campo os conhecimentos aprendidos na escola. Nas famílias e na escola também deixamos os questionários, que foram recolhidos pela diretora da escola, que é doutoranda do PPG em Educação da UFES e colaboradora do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Durante a pesquisa de campo, além de entrevistas espontâneas para identificação das Redes Sociais e Comunidades de Prática foram realizadas visitas a escolas e famílias das comunidades, onde foi possível observar paisagens linguísticas, que confirmam a presença da imigração no *locus*, bem como identificar alguns âncoras de Redes Sociais para os quais distribuimos os questionários que elaboramos como já descrito anteriormente. Recebemos no total 23 questionários, sendo sete de pessoas do gênero masculino e dezesseis do gênero feminino. Destes, dez declararam que cresceram no município de Santa Maria de Jetibá, sendo cinco do gênero masculino e doze do gênero feminino. Dos questionários do gênero feminino, três estão na faixa etária de 60 a 50 anos, cinco na faixa etária de 49 a 40 anos e oito na faixa etária de 39 a 27 anos. Dos 17 questionários do gênero feminino, duas declararam ser solteiras e quinze casadas. Quanto à profissão, sete são professoras ou regentes de classe, quatro lavradoras, uma vendedora, uma comerciante, uma auxiliar geral, uma funcionária pública, e uma agente

comunitária de saúde. Possuem curso superior ou profissional quatorze declarantes do gênero feminino. Dos questionários do sexo masculino, dois se encontram na faixa etária de 47 a 36 anos, três na faixa etária de 35 a 29 anos e um com menos de 18 anos. Um dos informantes não declarou o ano de nascimento. Em relação às profissões, temos três lavradores, dois professores e um autônomo. No que se refere ao uso da língua treze declararam que utilizam no dia a dia a língua portuguesa e a língua pomerana indistintamente. Oito pessoas utilizam somente o pomerano no dia a dia, um utiliza somente a língua portuguesa no dia a dia e um declarante utiliza a língua portuguesa, a pomerana e o alemão. Em relação à competência linguística no pomerano, 17 dos 23 informantes (73,9%) declararam que sabem falar muito bem pomerano e 21 (91,3%) entendem muito bem pomerano. Todos aprenderam a língua em casa, com a família, sendo com os pais, irmãos ou avós. 39,1% declararam que já haviam sido criticados na escola por causa de sua língua de casa (ou de origem). Em relação ao uso das línguas nos diferentes domínios, podemos constatar de modo geral que o pomerano é mais utilizado na família (pais, avós, sogros), estando o português também presente, mas em menor proporção. Com os filhos, o português é a língua mais utilizada, embora hoje já admitam falar também o pomerano. Com vizinhos, amigos e colegas de trabalho a maioria dos declarantes utiliza tanto o português quanto o pomerano. Na cidade (no posto de saúde e nas lojas, por

exemplo) o português é o mais usado, mas o pomerano também está presente. Somente a investigação das marcas linguísticas lexicais bi/plurilíngues presentes no uso da variedade pomerana em CPs das RSs identificadas em SMJ, ainda está em fase de desenvolvimento e fará parte da segunda parte do projeto apresentado para o biênio 2018-2019 no Edital PIBIC 2018.

CONCLUSÕES:

A pesquisa desenvolvida cumpriu quase que na totalidade os objetivos determinados no início do projeto, qual seja o de identificar os traços de etnicidade e identidade linguística (neo) autóctone, a partir do uso funcional da variedade pomerana em Comunidades de Prática de Redes Sociais de imigrantes pomeranos de SMJ. Identificamos Nas comunidades identificadas, os traços de etnicidade linguística e cultural pomerana está totalmente presente; o que foi constatado não somente pela observações de campo, reforçadas pelas paisagens linguísticas e pelas entrevistas espontâneas, mas também reforçadas pelas respostas dadas aos questionários. Neste sentido foi possível identificar alguns efeitos próprios do Contato

Linguístico (CL), tais como *code-mixing*; *code-switching* e *language shift* que resultaram de processos de assimilação e também de aculturação linguística no uso linguístico funcional do pomerano no *locus* do estudo. A discussão de como a língua pomerana torna-se uma língua variedade (neo) autóctone fica comprovada pelas ações de glotopolítica lá identificadas. Ações de *corpus* e de *status* pelas quais a língua passa ao longo dos quase 160 anos de imigração: cooficialização da língua no município de SMJ em 2009 e ainda em mais sete municípios do país, em um processo que esse inicia em 2007 e continua até 2018; a inserção do Projeto PROEPO (Projeto de Educação Pomerana) a partir de 2005 em vários municípios do ES; a edição do dicionário bilíngue pomerano-português de Ismael Tressmann(2006); o Apps “Aprenda Pomerano” criado em 2016 , entre outros. No que se refere a parte de identificação de marcas lexicais bilíngues e até plurilíngues do contato, estas foram identificadas, em especial na parte de narração espontânea dos questionários e foram inseridas na situação problema, como objeto de estudo da segunda parte do projeto apresentada para o PIBIC 2018-2019.

Finalmente, vale destacar que a presente pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de contato linguístico da UFF - LABPEC), em parceria com o Laboratório da Universidade Alemã de Viadrina – *Borders in Motion* . Tais investigações vêm confirmando a relevância dos estudos de Contato Linguístico não somente para a área de sociolinguística, na identificação e descrição de variedades nacionais, regionais e dialetais, bem como para subsidiar estudos em diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Deste modo, ressaltamos a relevância da inserção de bolsistas de IC ao Projeto para introdução aos estudos na área da Sociolinguística de Contato.

Agradecimentos:

À orientadora, professora Mônica Savedra, pela orientação e pela viabilização da pesquisa de campo por intermédio do fomento de sua bolsa do Cientista de Nosso Estado da FAPERJ; ao CNPq pela bolsa PIBIC, ao LAPBEC da UFF e ao Grupo *B/orders in Motion* da EUV pelos eventos e minicursos organizados que em muito enriqueceram a iniciação à pesquisa e inspiraram o início da vida acadêmica durante o processo de iniciação científica.

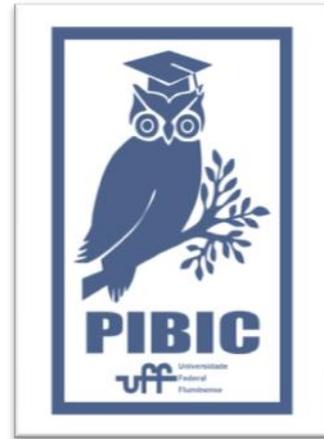


Figure 1 Logo PIBIC



Linguística, Letras e Artes

TRADUÇÃO DAS EPÍSTOLAS 64 E 80 DO ESTOICO SÊNECA NUMA ABORDAGEM COLABORATIVA E TRANSDISCIPLINAR

Angélica de Azevedo Silva (Letras/UFF) e Mônica Nunes de
Neves (Pedagogia/UFF), com orientação de Renata Cazarini de
Freitas.

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC)

INTRODUÇÃO:

Integra a fase tardia da obra de Lúcio Aneu Sêneca, autor latino do século I de nossa era, uma coleção de epístolas apresentadas pelo remetente como o percurso a ser trilhado pelo destinatário, Lucílio, na sua formação no estoicismo, corrente filosófica originada na Atenas do século IV a.C., cidade que foi terreno fértil para as chamadas “escolas helenísticas” como a Academia (Platão), o Liceu (Aristóteles), o Jardim (Epicuro) e o Pórtico (Zenão). O estoicismo imperial, do qual Sêneca é importante porta-voz com os seus vários escritos em latim, centrou-se na formação moral de seus seguidores a partir da ideia de que há uma providência divina que promove o sumo bem e que permeia o universo, mas que só o sábio, tomado com o ideal de virtude, conhece.

Objetivo geral – A meta principal desse projeto de iniciação científica é orientar as duas discentes a dominarem ferramentas de desenvolvimento de pesquisa acadêmica no nível da graduação como preâmbulo para essa mesma atividade na pós-graduação. Podem ser elencados objetivos imediatos como 1) delimitar um *corpus* de pesquisa, 2) estabelecer e cumprir um cronograma de trabalho, 3) selecionar autores e construir uma bibliografia, 4) depreender da leitura uma

abordagem própria, 5) redigir texto científico que bem reflita essas atividades.

Objetivos específicos – A discente Angélica Azevedo Silva, regularmente matriculada na licenciatura em Português-Latim na UFF, já é formada também em Grego pela mesma Universidade. Seu objetivo específico no projeto é traduzir, do latim para o português, as epístolas de números 64 e 80, que compõem a coleção intitulada *Ad Lucilium epistulae morales*, de Sêneca. A discente Mônica Nunes de Neves, regularmente matriculada no curso de Pedagogia da UFF, já é formada em Filosofia pela mesma Universidade. Seu objetivo específico é elaborar verbetes em português a partir dos conceitos filosóficos utilizados por Sêneca nas duas epístolas, observando a etimologia dos termos latinos.

Metodologia – A transdisciplinaridade e a colaboração são os eixos metodológicos da pesquisa, que valoriza a formação distinta e complementar das duas discentes: Letras - Filosofia - Pedagogia. A prática de pesquisa vem se desenvolvendo, desde o início do ano letivo, em três etapas:

- Leituras prévias individuais sugeridas pela orientadora, Renata Cazarini de Freitas, docente no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF (GLC), pesquisadora e tradutora da obra do autor latino Sêneca.

- Sessões semanais presenciais de discussão conjunta, promovendo uma abordagem não apenas literária e linguística, mas também filosófica, dos textos selecionados. A cada sessão são compartilhados avanços das atividades de tradução e elaboração dos verbetes.
- A sistematização dos resultados do projeto pressupõe a elaboração de um artigo acadêmico escrito pelas discentes com a colaboração da orientadora, a edição dos textos em latim e em português das epístolas selecionadas, a divulgação do léxico específico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O cronograma está sendo cumprido conforme o previsto. Nos 30 encontros presenciais de duas horas programados para 2018, tendo sido realizada metade deles entre março e agosto, somando-se 30 horas de atividades, foram executadas discussões prévias das obras de referência na área (listadas na bibliografia), bem como a tradução, revisão e edição da epístola 64, além da elaboração dos verbetes *sermo* (conversa), *scripta* (escritos) e *legere* (ler), exercícios da filosofia estoica elencados no texto já traduzido. Também foi iniciada a discussão dos verbetes *uirtus* (virtude), *mens* (mente) e *animus* (espírito), que exigem pesquisa e debate adicional por causa de suas implicações filosóficas mais complexas. Estima-se que as discentes tenham comprometido, adicionalmente, três horas semanais com a pesquisa, orientadas à distância pela docente. Levando-se em consideração o cronograma de atividades, este projeto de iniciação científica somará 240 horas de pesquisa.

CONCLUSÕES:

As epístolas 64 e 80 foram selecionadas como exemplares da quase totalidade da coleção senequiana: retratos do cotidiano que se desdobram em proposições da ética estoica sem fazer teorizações sofisticadas. Sêneca, intelectual nomeado tutor de Nero, o imperador romano, foi vítima da opressão política de seu pupilo, tendo sido levado a cometer suicídio no ano 65 de nossa era. Embora ainda na etapa de leitura e tradução, espera-se trazer à luz, num texto acadêmico em português cristalino, as proposições estoicas registradas nas duas epístolas, que recomendam o estudo e a prática filosófica como o meio ideal de integração do homem à inteligência do universo. Adotou-se como base o texto em latim *Ad Lucilium epistulae morales* na edição de L. D. Reynolds, pela Oxford University Press (1965).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- INWOOD, Brad, org. *Os estoicos*. Tradução de Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- REALE, Giovanni. *Léxico da filosofia grega e romana*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- SÊNECA. *Edificar-se para a morte: das Cartas morais a Lucílio*. Seleção, introd., tradução e notas de Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- _____. *Sobre a ira, Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução, introdução e notas de José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2014.
- _____. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.